





# LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSUAL

Com a approvaçao do Ministerio Ecclesiastico

ANNO I

PORTO, 1 DE FEVEREIRO DE 1914

N.º 2

Director e Proprietario  
Dr. Antonio de S. J. Silva

Redacção  
Rua de S. Joao N.º 71—1100

## Aos nossos assignantes e leitores

Por não ter sido concluido a tempo a fabricaçao do papel que necessariamente para a **LUSITANIA**, vimos-nos obrigados a apresentar umas primeiras paginas com papel relativamente inferior. Esta defeito vos, porém, ser remediado prompto e definitivamente, e a **LUSITANIA** passará a ser impressa no esplendido papel que sempre lhe destinamos.

### Os Católicos

em Portugal.

Os últimos acontecimentos historicos da nossa nacionalidade, apesar de serem como steps total d'uma progressiva decadencia economica, privaram os nossos males e tornaram mais altas as nossas necessidades. Tera' nos porventura a sua maior vantagem.

Entre essas necessidades trata-se de uma regeneraçao da acção moral, a que a religião não pode ser estranha. Justas e naturalmente pedem por uma religião de actualidade, aquella necessidade de regeneraçao moral e a religião catholica, constitua a essencia da grave questão religiosa no



# LUSITANIA

REVISTA CATÓLICA MENSAL

Com a approvação do Antiquário Real

ANO I

FUNDO. 1 DE FEVEREIRO DE 1914

N.º 2

Directores e Responsáveis  
Dr. Francisco de Sá e Novais e  
Dr. Manuel Rodrigues Serpa

Editor  
Dr. Manuel Rodrigues Serpa

Redacção  
Rua de S. João de Deus, 20 - 12000

Typ. de A. J. de Sá e Sá, S. João de Deus, 20  
Rua de S. João de Deus, 20

## O problema escolar em Portugal

### DE PRINCÍPIOS

Antes de nos darmos a este trabalho, devemos responder a uma pergunta que a um título geral certamente provém:—  
Existe, de facto, um problema escolar em Portugal?

A resposta justifica-se não mais simplesmente ao decair d'este estado. No entanto, para liquidar a pergunta suprita, pode desde já affirmar-se a existência d'um problema escolar em Portugal.

Os últimos acontecimentos históricos da nossa nacionalidade, apesar de serem como steps later d'uma progressiva decadência comum, arribam ao mesmo mal e tornam mais visas as nossas necessidades. Será esse porventura a sua maior vantagem.

Entre essas necessidades avulta a de uma reorganização da ordem moral, a que a religião não pode ser estranha. In fine e estritamente prima por sua relação de causalidade, aquella necessidade de reorganização moral e a religião católica, constitua a essência da guerra quanto religiosa no



Dado o proprio facto da vida, a creança resolve a parte de si mesma.

Esta simples postulado da existência do direito natural, simples e puro negar.

Quando é creança um ser pessoal para cuja existência lhe accordes toda a liberdade, Deus entregou-a a si mesma.

A creança não pertence ao Estado, como queriam Filles<sup>1</sup> e o archiepsco de Cambrai. O fim do Estado não compete aos indivíduos libes; e sua função é simplesmente garantir a liberdade de todos os indivíduos, como representantes supremos dos seus interesses, e distribuir por todos uma egual justiça. A doutrina phisica reconhecida pelo Revoluçáo Francese, que entrega a creança ao archiepsco do Estado, mesmo ainda sem conhecer sua parte, heja isto se não o fim do Estado mas com a ordem natural, como aliando verbum.

Tão pouco é admittido que a creança pertença exclusivamente à família como era pensamento da Roma pagã.

A vida do estado religioso, segundo Puzos de Coulanges, e que é responsavel pela perpetuidade do culto, e, consequentemente, pela da família. Tudo o que compete a esta perpetuidade, que é um primeiro catholico e seu primeiro dever, se d'este depende. D'equi deriva toda uma serie de direitos: — e de reconhecer a creança no seu nascimento, ou de a repetir como membro da sociedade domestica. Este direito d'attribuição ao pai pelas leis gregas, assim como pelas romanas. Apesar de hebreus, não está, comtudo, em contradicção com os principios sobre que é fundada a familia. A filiação, mesmo quando inconstante, não heja para entrar no círculo sagrado da familia: é preciso o consentimento do estado e a união do culto. Hejaque a creança não está associada à religião domestica, não representa perante o pai. A hereditidade primitiva da civilização romana remete o consentimento ao pai e poder um desmembrado arbitrio. O filio é incapaz de ter um patrimonio, como o escravo, talhe se que adquira entre os paes do pai, e a sua pessoa pertence ao fim a moral absoluta do paes-familia que pode hejar-lhe, prendê-lo, vendê-lo e mata-lo.

<sup>1</sup> Cf. *Republia*, I, 5, e VI.

Ambas, que é família que integra a criação exclusivamente ao Estado, que é que a criação exclusivamente é familiar, confundem paralelamente a uma parte negação da liberdade e da personalidade naturais da criação.

Existe, de facto, um direito da criação, embora confusionalmente, direito que deve ser protegido e defendido. Ser livre, como é, a criação humana, porém, impõe-lhe sempre uma direção. Ela é justiça e naturalmente um bem. O seu direito, na realidade, é como os dos animais. De certo que, a educação que recebe, não pode ser escolhida por ela. Tem de ser-lhe imposta por via de autoridade.

Para melhor, para esclarecer os direitos que lhe cabem (direito à vida física, intelectual e moral, isto é à educação) a criação tem sempre o seu bem.

O mesmo debateira em nome do carácter independente do direito da criação, trazem as suas últimas análises sobre questões que se prendem com a possibilidade sobre a sua frequência. Quanto ao seu estado natural? O Estado? Ser pai e mãe não? Há o problema, que é outro, de fácil solução.

Determinamos em primeiro lugar a natureza do direito que cabe à criação. Este direito não pode reduzir-se ao exercício de um livre vontade, na medida da obedição, como já vimos, por isso que a criação é justiça e naturalmente um bem; seria então, um direito imperativo.

Ela, a verdadeira direção da criação, consiste em não ser designada (depende de quem é o certo e o errado, e que s'ella possam ter a sua liberdade).<sup>1</sup> Esta, a única verdade não admitida, por escolha de parte.

Antes e depois de outras considerações, antes ao próprio Estado, é família compete a educação da criação, logo a chronologicamente. Os seus interesses sobre são uma parte.

Em primeiro lugar é este o seu próprio direito. Não, não somente os seus pais (D. Thomas, II<sup>o</sup> - II<sup>o</sup>, p. 2. 4. 12. in c.) O filho é por sua natureza, alguma coisa do pai.

Ela é de algum modo uma extensão de um parente (Lett

<sup>1</sup> Entretanto, as questões de direito de família, confundem-se com a vida e a justiça legal.



III. *Deus Meumum*. É um direito de natureza, baseado na natureza das coisas, como é próprio palavra latina: — *ius naturalis, ius, naturalis*.

«Mas é princípio evidente, de um lado (Saint Thomas<sup>1</sup>), que o direito depende da coisa que se produz? Consequentemente, se o direito não resulta logo todo o seu período, é porque que dá o ato que envolve a obrigação de o aperfeiçoar. Ou para isso pois, o direito deve desenvolver-se a vida imperfeita e débil que começamos no seu filho: tem de passar de virtude intelectual e moral, que há de permitir-lhe superar as dificuldades da existência. Depois disso, não poderia ser atingido o fim principal da existência, a propagação da espécie. A responsabilidade da instrução e do educado da criança reside em primeiro lugar e antes de tudo, sobre aqueles que lhe devem nascença. É o direito parental.»

É esta responsabilidade clara, conhecida também que não é um direito mas dever dos pais à vida natural sobre seus filhos, sobre imperfeitos, porque não se tem nenhum responsável e por que o cumprimento do dever é o fundamento mais sólido do direito.

Eu penso, mais uma razão justificativa do direito dos pais à educação de seus filhos: é o seu próprio amor para o filho. Ou para mais.

Não vamos afirmar de adversários que a criança tem direito a ser educada: é esta ou a qualquer escola, ainda que eles não sejam as condições para sua progressão, e receber a educação de seus filhos ou de sua criação ainda que eles sejam contrários de de seu bem-estar.

Finalmente deve é educar, segundo a todos os exemplos possíveis e a todos os conhecimentos etc.

«Quem mais quer e vive o filho de que seus pais? Quem mais de que eles o desejam vê-lo bem e feliz? perguntava Charles Dupuy, antigo presidente do conselho de ministros francês.<sup>2</sup> E, pois, o pai quem deve auxiliar a escola que

<sup>1</sup> *Disputationes scolasticae de la Philosophie*, tom. III, vol. 100, pp. 100.

<sup>2</sup> *Essai politique et parlementaire*, p. 100-101. Os mesmos que se referem a respeito de que não existe um direito dos pais, mas unicamente uma responsabilidade, que a liberdade dos pais não tem, porém, tem a liberdade de

correu a sua vida, a qual no futuro é substituída como homem e como cidadão.

É que o cidadão, que desfruta a morte, poderia dar o Estado à vontade, em troca de todo o conteúdo de paz e felicidade doméstica que lhe oferece? Como poderia o Estado a sustentaria permanentemente de paz e interesse de vida, na formação moral de seus filhos, trabalhos intelectuais e não iguais, que encontra hoje a maior oposição na rigidez e fria imparcialidade de que o mesmo Estado deve verificar no exercício das suas funções?

Problema o Estado ao paz no exercício de direito de educação sobre a criança, é, talvez o problema de vida, um problema absoluto; mas este problema torna-se relativamente mais claro a parcerias com a educação, se atendermos à natureza do Estado moderno: todo o bem e mal que universal.

« Esta frase, diz Herbert Spencer, implica uma postulação paradoxal... de que um homem, a título de paz, é incapaz de valer sem compensação pela cultura mental e moral de seu filho, mas que a mesma pessoa, a título de cidadão americano não tem de obedecer a outras condições, torna-se completa e parcialmente capaz de decidir voluntariamente da cultura mental e moral de todos os crianças de paz, sem excepção ».

A título de instruir o cidadão a criança não seria governamentalmente, como dissemos, nas atribuições do Estado. A sua função essencial e primeira consistir em garantir pelo bem a segurança interna e interna dos cidadãos para que estes possam livremente e em paz, exercerem os seus direitos. A sua função material também, mas secundária e variável consoante as circunstâncias de tempo e de lugar, é promover a prosperidade pública, isto é, o bem-estar por si mesmo, mas procurando os benefícios e as condições em condições tais que favoreçam o seu progresso físico, intelectual e moral.<sup>5</sup>

Estado, porque todo o interesse em que o Estado intervém é essencialmente de uma natureza, essencialmente de família, naturalmente em um e o mesmo de família, segundo o que o Estado pode operar no dos tempos de paz.

<sup>5</sup> Cf. Justice, *Curso de Economia social*, cap. 10, 2.ª ed. Paris, 1914; *Revue Social*, *États philosophiques et sociaux*, in, les fonctions de l'Etat

Demonstrando sua dupla função de agente dos cidadãos e de promotora da prosperidade pública, o Estado visa ao bem social, de ordem geral, que é o bem comum dos seus membros.

A educação ao contrário, visando à formação do indivíduo, encaminha-se portanto para um fim particular.

Concluindo, pois, com um péssimo exemplo, se a ordem civil não está abrangida de direito, de direito pelas suas próprias razões que é o bem particular d'elles, como a educação, a cultura, a instrução, são unicamente de desenvolver um meio em que cada um dos indivíduos poderá mais facilmente buscar para si a situação mais vantajosa para si. Não mais particular, não mais individual do que a educação, portanto ao contrário de indigência não mora portanto na função do Estado e da família.<sup>1</sup>

Objetivos, porém, os particulares do Estado educador: — o Estado é a guarda nacional dos direitos de todos, portanto deve também guardar e defender os da criança.

De facto, o Estado é a guarda nacional dos direitos de todos, mas não defesa dos direitos dos cidadãos não pode ser elevada, isto é a educação não pertence ao Estado, antes a guarda d'aquelles direitos deve reverter-se à situação em que elles se encontram. A função do Estado não pode consistir a ordem natural pre-estabelecida. A responsabilidade parental não deve ser absorvida pelo poder civil, e assim o Estado tem obrigação de guardar e defender os direitos da criança, mas nas mãos dos seus seus pais, os pais, portanto, não a execução de sua própria responsabilidade, é bem, os direitos parentes, a direção da vida. ...

Demonstrando positivamente o direito inalienável das famílias à educação das crianças, como obrigação e de direito a natureza e o papel que a família desempenha.

A família, segundo alguns, é a família prototípica. De facto, assim parece e se verifica.

notas, p. 27-28, Paris, 1910, Doussin, L'Église et le Monde, 2.º tomo, Le Monde Contemporain, p. 210, Paris, 1912.

<sup>1</sup> J. Comar, L'Église et l'État, no France, 1910, v. 1.º, p. 27-28, Doussin, op. cit., p. 27.

Os pais exercem a educação de seus filhos, empurram e dirigem a sua formação moral, e auxiliam a sua formação religiosa. É toda uma obra de amor.

Chegadas porém, a certa idade, a alma e o espírito da criança requerem o acabamento próprio desta vida, exigem que as mãos abandonem, cessarem a ser simples e mecânicas educadoras, retirem a tutela sobre os imperfeitos, das coisas. A educação, de Paulo Godínez, é a formação do espírito e do corpo na sua integralidade e na sua liberdade. Uma e outra têm de ser perfectas e acabadas para que perfeita e acabada seja a educação.

Construído, por falta de tempo ou por falta de interesse, a maior parte dos pais não podem levar a sua glória sobre uma obra maravilhosa. Recorrem, pois, muito naturalmente, a alguém que a filhos, delegam a sua autoridade no poder de sua consciência que incluem a educação fundamental que transcende na alma de seus filhos.

O mestre-amado é pois, um delegado dos pais. É em seu nome que vive a obra e acaba. É d'elles que lhe advem toda a autoridade.

Dados estes, cabem aos pais a preparação para a educação da sua inteligência e do seu espírito, mas foi a consciência dos pais dos seus discípulos que a consumou!

Compreendendo-se agora a justiça profunda das seguintes palavras de sancho Pantifeo Lobo III em sua encíclica *Japónica Christiana*, de 20 de Janeiro de 1922:

«...As pais primarias, por direito natural, educam os seus e quem devem a educação, com a obrigação de delegar a educação dos filhos ao fim em quem se quer lhes foi concedida a liberdade de á poder transmittirem a féem de vida. Tem, pois, restrita obrigação de empregar todos os cuidados e não desprezar diligente alguma para repellido completamente todas as injurias voluntarias que á sua natureza lhes que devem fazer, e para conseguir á parte exclusiva da autoridade de sobre a educação dos filhos.»

*Francisco Vallejo.*

## Malhar em ferro frio

Na casa, em Paris, em casa do conhecido medico portuguez Leon-Saade, especialista de romance e literatura, dilata-se ella: — então, não se especializa?

— Não, disse-lhe.

— Como que a minha especialidade é irreversante,

Responde a isto um novo discípulo, hoje medico em Lisboa, presente na occasião:

— E é, na verdade uma especialidade bem precisa em Portugal, attendendo ao largo uso da leita e seus effectos sobre o romance...

Na casa, da mesma cidade, relatava-se «Lucta» um dia com reflectores que encontrando-se no estabulo da casa de Montmartre, bastante oculto, dois francezes, antes se desfilavam em amarelo deambulando, que se haviam subido. Que na mesma occasião um portuguez, victima de igual destino, rasgava-se impetuosamente...

Na casa, em Colibri e comitêda madama Chardonet, muito cheia dos prazeres de luto, elle obteve as suas idéas pretensas e uma coisa estranha, era por vezes d'um dia da academia, que excepcionalmente eram gratos como este:

— Offereça-me a vossa leita... ignorando embargando o gavel.

— Não me entregue a cançada, responde ella, sendo leita e desgosto de lhe dar com a rapina.

— Quem disse, madama, seria o supremo prazer de o fazer crescer no offício da minha gravata.

Na materia das vezes eram com este:

— O Chardonet andas hoje muito colada....

E ella respondia quasi sempre:

— Muito pouco, não t'este acadêmica....



a indolência e a rebeldia, divididas quasi sempre de hum lado e de outro lado com uma hesitação rubra, verdadeiramente epistolar.

Mais que a falta das boas maneiras, é a falta de coherência, a grande crime, e grande mal.

Tanto deante de si e deante de uma obra, de uma nova geração, não tem sequer ideias definitivas e ideias definitivas gerenciaes, coherentes de um papel, firme no seu ideal.

Falta também o sentido que nos vinda governando em todos os momentos ou é que tem deigo em máchimas coherentes, é malhar em ferro frio.

Eu não sei que tenha ideias definitivas gerenciaes, definitivas, mas a sua obra não triumphou e não tem de perder-se.

Um exemplo seu aponta a que comitua tem uma excepção.

É a obra, quasi que aponta iniciada pelo fallecido Vispe de Viana D. José, mas que revela a uma obra avançada para a actual transformação e adaptação, de necessidades novas, de espirito vida moderna.

Em 1911, publicou-se o «Curso de Hebra», primeiro volume de recente fallecimento do fallecido pedante e orgânico, que a tempo nos vai mostrando a vida e a coragem e a fé de um homem de hoje:

Nesta época, de tão publicações scientificas, em que a determinação naturalista prevalece avastando a coherência e a coherência, passando muitas vezes das linhas que a si mesmo se fecha impõe, e em que quasi se se vive de necessidades humas, impõe a pauperia, a quebra social indolente, e talvez em outros pedante ou, no fundo, uma quebra moral, mas ainda, sem dúvida, é superior, e ao José D. José, uma quebra de coherência.

E, como a natureza, apesar de todas as progressos indolentes, mantém-se pela sua evolução no tempo, como que esta vida dominante, e apesar também das suas bellas e pre-

graves no domínio da inteligência e do sentimento, ainda não deixamos de ser um animal, embora o mais elevado e o mais perfeito da escala, segundo que não pôde ou não possa, vontade, libertades de imperiosa e inevitáveis necessidades fisiológicas, laborares e indispensáveis à sua existência.

E, como o economista é, no dizer do eminente sábio russo — Machalkoff — o real director do Institute France, de Paris, e creio que mais pouco o homem é animalidade, comprehendendo que ignora da sua grande dignidade e natureza, tenha um mínimo de separação que é imperiosa natureza.

E' preciso, pois, que se que seja um profeta não se misture e confunda-se dos povos, amoniam e citem para o estado de purificação, de concorrencia vital e de toda economia que nunca se-estada.

O Bapa de Viena, D. José, não ignorava o sentimento de que devemos um primeiro lugar primeiro e mais de Deus e que tudo o mais vem depois naturalmente —, mas misteriosa natureza humana que sempre amou a natureza humana é sempre se deserta, e apesar de se ter formalis e educando desde tempo bastante afastado e a'uma sociedade ainda romantica, plantada e cultivada, sempre e um lyriano natural, natural e naturalis, naturalis no campo naturalis, sendo deuse de Olympo sei os haies, sendo e facto se terra, dia e dia, por terra real e terra.

Diferença de obra natural com obra, e, se não conseguem um triumpho brilhante nas sociedades de successo natural, cooperativas de natureza, grandes manifestações de arte que levaram e exploras do proprio operariado, grandes excelsas, melhores operarias, etc, deuses, pois mesmo, sem obra natural, obra-lhe natural e deuses um grande impulso, naturalis porque mesmo haes obra social e naturalis.

Social, pois amor e deslucido e mais obra, naturalis pois trata mais boa, mais naturalis, mais naturalis, mais naturalis, com naturalis-lucido plaga com imperatissimo naturalis.

E' assim mesmo.

Uma obra real com operaria, operarios, operaria, deuse francez, naturalis... A obra é de trabalho, deuse, deuse, deuse, deuse, deuse, deuse, deuse, deuse.

O que sei boa, um naturalis naturalis é, quod é obra,



multas em livro lido e, por isso, só tenho de me lembrar a collaborar n'esta revista.

A vida continuará a passar e o grande número dos livros que, dos egypcios, dos celticos, dos medievos, dos..... catholicoes pedras ou não pedras a seguir a um caminho impudelicissimo, embora com muitas aventuras, singlas aventuras e sympathias fideis e immortaes.

Com paz.

Viva, Junho de 1914.

Agostinho Corrêa,

Paris.

## Estudos históricos

### A NULHA PERANTE A REVOLUÇÃO HELLENICA DO ANO DE 1821

Ha uma lei (das poucas que a Historia desafortunadamente tem conseguido formular) que diz: «as poucas vezes em que pela falta de estudos de que pela carencia de investigações ou de saber.» Na verdade essa lei tem a sua fonte no facto acci- dente que resulta da observação de vida real dos indivíduos humanos. A morte da Civilização classica deu-se porque a Moral se ha muito desapparecido de nos d'uma civilização. O Imperio Romano é a synthese perfeita e singular d'uma magni- ficente civilização, onde a epistola pedira e singlas de uma magni- ficente civilização, onde a epistola pedira e singlas de uma magni- ficente civilização e quanto mais a honra epistola apenas na concep- ção de sua força, independente de qualquer prescricao influencia accidental. E com elle e heito muito mais porque a ci- vilização pagã he impotente e suprema, mas não teve estabilidade, porque a Moral destruida de si se acobertando em muito tanto Roma a recrudescer. O Imperio Romano cadira porque he falta a Moral, não porque he excessivamente he- terodoxo e os gregos, não. Synarche e temivel adversario de S.

Jeremyn e Tacito e espantado historiado, e outros mais, nos dizem que se o Estado paghe desaparecera do mundo toda a vida e toda ciência se inutilisaria e os vícios em que Roma succubera. O poder da ciência e a longa pacifica elle supprido a delinquencia da Moral. A reconstrução jurídica da Itália paghe appoia-se no seu direito Romano sabido da Farsallia e a sua reconstrução moral, social e economica era formada pela subjugação da Multão nos seus carnes do homem. Os princípios superiores que animavam essa reconstrução eram a Força e a Materia; a Força tomava esta palavra no seu significado mais amplo e duro e a Materia, isto é, o Materialismo, que, como consequencia natural trouxe a subjugação da Multão nos seus carnes do Homem. As estado antigo tinham um principio da Moral baseado na força, no subconsciente e nos seus costumes e na criação dos caracteres. É bem certo que os povos devotam e morrem mais pela falta de carácter do que pela carencia de intelligencia ou de saltes.



Os grandes espiritos que se por apparecerem sem determinação momenta historica ou por serem recebido a força espiritual d'uma idea ou por serem seres psychicamente superiores, tem expalhado no mundo os conceitos de doutrinas que contradiziam nos seus mais profundos alicerces, a vida dos caracteres humanos; governando o mundo, impoziendo em muitos milhaes de individuos com a espada dos seus valores espirituais nos doutrinas que expalharam na vida por muitos milhaes de annos, esses espiritos tiveram sempre um elemento common, sejam quasi todos de idéias que defendiam: a integridade moral, o respeito pela criança e o Amal desinteressado por uma grande idea. Não se compreendem e é contrario á realidade historica e representando a natureza da vida humana e apparecimento d'uma doutrina elevada e superior, defendida, expalhada e justificada por quem não respecta a Moral e a Honra.

Ficam estas duas palavras: Moral e Honra tomarem si-

gullendas diferentes através do tempo e do espaço mas na sua essência e no espírito que as anima são as mesmas com diversas. Jesus Christo, sempre para nós conhecido em lugar especial, mas Buddha e Mahomett apesar das suas doutrinas terem espíritos superiores que tiveram de Honra e de Moral e respeito e a consideração pelos seus filhos e princípios religiosos. Não se pode, e impossível, admitir-se a coexistência d'uma sociedade humana pelo meio de um espírito immoral e baixo, os grandes são apreendidos pelos espíritos puros e nobres e não por espíritos baixos e desviantes. Se os povos criam pela falta de carácter, como se podem elles elevar pelo meio de um ser humano baixo e inferior?

\*  
\* \* \*

A revolução religiosa do século XXI não podia elevar a grau de moralidade de uma sociedade porque o homem que a dirige e se tinha colocado á frente do movimento revolucionario, apesar de ser um espirito superior, era só o ponto de vista moral uma criatura repugnante, crendo-se deus acima mais via e lutava para triumphar. O elle era a alma ferocia de Lutero; era, o Cato, não era, era alguma se via um representante das sociedades humanas base de Odio e triumpho de Verdade e de Justiça, e ainda era, o Cato deitou. O espirito da Renascença levou a humanidade e os meios do Estado Papal. Este espirito singular abrangia também o estado religioso desde as mais humildes ordens religiosas até ao proprio papado. Figuras exaltadas surgem na vida social, um Alexandre VI, um Cesare Borgia, etc., uma corrente de destruição das costumes e do Moral para as ordens religiosas. Lutero, era simples instrumento sem saber da doutrina ou conscientemente, lançou a s'ua corrente immoral de que devesse um livro devia ser o grande organizador das luctas heréticas contra o Papa. Lutero, deo a Historia pela falta de Fides Deifica e de imparcial e tolerante Martinus Lutero, era um devoto e um espirito sem respeito com a menor consideração pela doutrina da Moral ou da Verdade de um povo quando mais o representar da Humanidade! No tempo in-





Depois é o professor de sciencias economicas e socias da Universidade de Coimbra sobre as Revoluções religiosas e as protestantes e sobre a principal da revolução methodica e que a melhor actualidade se encontra nos países anglo-americanos em contrapozição á situação deprimida em que se encontram nos países latinos.

(Continua)

Albino Filipe de Oliveira,

Coimbra, 1904-05.

## O Ensino

A função do Estado no Ensino.

### I

Estabelecida a noção geral d'Ensino, e alicerce sobre que deve assentar, concretizamo-nos formula latina que citamos no anterior artigo, extractada e em necessidade e pontos em relação as realidades da Pátria na sociedade domestica, civil e religiosa, bem como a sua dependência hierarchica, naturalmente se dehaer a teoria que o Estado, representante do poder civil, deve seguir em materia d'Ensino.

Por ficarmos neste ponto, permitto-me fazer uma pergunta — o Estado ensina? E tem dois principios que se de leve subsequem, no Estado, não compete a tarefa de dirigir e instruir, e muito menos, constituir-se educador da sociedade que governa.

O alto organo do Estado é, se deve ser, o promotor e executor bem como de sociedade, porém a maior participação intellectual, moral e religiosa de mesma, pelo legislativo e harmonico equilibrio dos ramos o poder que essencialmente o constituem, no qual são o poder legislativo, executivo e judicial.

Fornecer leis salidas e justas, executar e regulamentar

mente a autoridade s'um só e pondo-se critério á las duas grandes principia do Direito, que se funda na moral, como não tem a sua base legal na religião, não são as autoridades ecclia e captaes do Estado.

Ampliar a sua acção, brastando a campo de outra sociedade, a sociedade religiosa, a que directa e indirectamente se tem de subordinar, é saber bem de certo que lhe compete, e limitar a acção do poder civil, é sempre uma perturbacão e desordem, se prejudica á mesma sociedade civil, pois Estado vinculado á ecclia, pondo-se ecclia, forma caracteres e disciplinas intelligencias, quando á sua missão legitima se lhe confere o poder de punir aquelle Estado e de punir a sua obediência.

Mas, no Estado concreto, quasi exclusivamente a autoridade do Estado, como na culta Alemanha, se lhe dá e não se ampla liberdade na forma de a limitar, como nos Estados Unidos da America do Norte, Inglaterra e no Belgica<sup>1</sup>, e que é positivo é, aquelle Estado, ou, um grande impio que prima de mais civilisado, não de mais elevada cultura mental, informada, desenvolvida, de principio religioso.

É assignando a priori e essencial fundamento do Estado que reconhece a incapacidade de ensinar no Estado, porque se dá a autoridade a, alguns males, a ignorancia, para limitar aquelle principio, autoridade que é só aquelle da sociedade religiosa vinculado por um Poder mais alto — a Igreja, á qual se por Deus directamente confide a suprema capacidade de ensinar, isto é, Educar, formar caracteres, dirigir e disciplinar intelligencias, para que essa não deslize no caminho perdo de todos os erros e as corrupções se não porem ao educador deslize de todos os vícios.

Em face da doutrina exposta, a acção do Estado no Ensino, accão pelo mais ambigua philosophica e pendorosa

<sup>1</sup> D'Os. Hinc — Teoria da philosophia politica que tem se — pag. 202 — 203 — 204 — 205.

<sup>2</sup> J. S. Millin — Com. de philosophia tom. 1.º p. 2.º part. civil — pag. 111 parte Seco — 1836.

<sup>3</sup> Antonio Rosalca — Elementos de governo — pag. 204 — Citado — 1845.

mais autorizadas, desde que a seu respeito não seja formada, nunca terá, nem de metropolistas de Euzéio, nem d'uma particularista imperialista que sempre resistir ao mal necessário, como está provando a guerra franco e especificadamente, o Portugal que se tem mantido d'um nacionalismo extremo.

○ Euzéio em si deve deve fomentar a guerra, desde a primeira, a liberdade da Igreja, de princípios religiosos católicos, não só porque é o do Conselho de Euzéio, como a Nação e a História a prova, como ainda por ser a alma da civilização moderna, pela longa e laboriosa obra que a Europa lhe deve na Epoca britânica da Euzéio Media, especialmente testemunhado pela acadêmica Euzéio que se chamou Frederico Guizot e outras instituições, algumas das quais são bem conhecidas de todos os países.<sup>1</sup>

E deve fomentar a guerra não representa a mais alta instituição Euzéio, a mais Autorizada, superior, inventiva no mundo de Euzéio.

Na prática, desde a guerra de unidade moral da Europa, nomeadamente, após a grande guerra do século XVI, após o espírito internacionalmente conhecido da sociedade de 1790, desde a corrente de chamado pensamento moderno, o Euzéio, pelo menos, tem a incapacidade de se garantir a liberdade Euzéio, a liberdade de liberdade de arbitrariedade nacional, os seus próprios países livres, a liberdade vicia, então, de consciência e de todos os outros, na maioria dos países da guerra Euzéio.<sup>2</sup>

○ Euzéio, representante da sociedade civil, não pode não aceitar, não inventar um partido, não é o meio d'uma guerra, e, sim, a esperança de sociedade que vivente, é, sim, a possibilidade de bem geral de todos os cidadãos, a defesa de todos os legítimos direitos, a garantia de cumprimento das mais importantes funções, a liberdade de todos os indivíduos que relacionam, ilustrem e promovam a prosperidade nacional, na sua

<sup>1</sup> História de la civilización de la edad — por Frederico Guizot, III, por F. B. B. (Londres) — pp. 102 — Paris — 1875 — 1876. T. III — pp. 102 — 103, 104.

<sup>2</sup> Hist. de la civilisation de l'Europe, 1875 (Londres) — pp. 102.



suposta missão, sem presentes materiais indispensáveis e que não a mais flagrantemente e perfida contradição de uma agremiação universalidade.

Se não quer reconhecer a divina instituição da Igreja, viuente da sociedade religiosa, impugna methods de prohibiçõe moral, metteo individual da verdade, metteo phasis de género humano, se não lhe dispensas a acatamento e primarias a que tem direito, e se, sem proprio interesse, se, nemse garantido uma agremiação de direitos no ensino, governo-ção e liberdade de consciencia, e liberdade de culto, d'assombrante e d'impugna.

Senão a Catholicismo a principios christãos da sociedade moderna, tem jã a sua liberdade, porque elle he, e e um, um que pose os seus mais característicos indícios, que são os indícios de proprio christãos, e principios disciplinados de progresso.

O Catholicismo illumina os mais rutilos intelligencias, e a germao de principios que impoem os mais bonos formados virtudes que tem animado todos os tempos, nos progressos virtudes, derivadas de impoemores mactancia de Erasmio.

Tendo, se de certo, a missão de illuinao no Brasil, que mettamos a analysar qual deve ser o objecto, pelo qual elle de impoemores aquella missão nos rutilos e respostas, elles de promover a maxima prohibiçõe educativa, e disciplinãghe d'intelligencias, simultaneamente, com a formãghe de characteres.

Francoes caracterizado, e commoço a dilla de pensamento nacional, de que a realidade de existencia da sociedade portugueza deriva duma immoio serie de caracteres, entre moral, entre se, finalmente, motivada pela indisciplinãghe intellectual peccadora, que heve d'aba e heve, nos diversos ramos da sciencia de heve portugueza, consequencia de heve immoio de dilla, he muito, mais elle vai e heve, se Brasil em Portugal.

Paris, 20 de Janeiro de 1824.

*Antonio J. F. Almeida C. Lopes Ferreira,*

## Commissões paroquiais<sup>1</sup>

A paróquia é a célula da organização religiosa em França. A comissão paroquial corresponde-lhe, muito naturalmente.

Quem são os elementos da Comissão paroquial?

Não tratamos agora de analisar aqui os diferentes tipos de estas paróquias. D'um modo geral, a organização paroquial comprehe-nde no primeiro lugar um *conseil* composto d'um pequeno numero de leigos, membros activos, em relação regular com o parócho. Em seguida leigos, membros adiantados, por exemplo em certas doutrinas ou actividades para o clero de cada freguesia a menos que o parócho, ajudado pelo *conseil*, terá de considerar a fazer o seguinte:

É necessário dizer que tal tarefa cabe aos elementos activos, que muitas vezes tanto mais o são quanto menos numerosos.

O seu numero é extremamente muito variavel, não se conforma a população da paróquia, mas sim a mais orgão de as circumstancias. É sem quando de facto que facilmente se resolve no proprio terreno de acção. Algumas que este numero pode variar de 5 ou 5 mas pequenas paróchias, até 10 ou 15 proporcionalmente, nas maiores.

Uma pergunta resulta, sobretudo nas pequenas paróquias, exprimindo uma grave difficuldade: — Como começar?

a) Como começar? — Não existem uma regra absoluta, universal; em certas paróquias, basta uma simples palavra do parócho; n'outras será melhor apresentar uma

<sup>1</sup> *Journal* de n.º 4, pag. 83.

avacilla extracelularia, tal como uma missão, um congresso, uma festa em honra do padroeiro, uma confraternidade municipal. Então, é fácil reunir alguns homens, tomar importantes resoluções, pôr mãos á obra, enfim.

Queras circumstancias mais extracelulares terão sempre a seguinte desajuda:

«Eu contarei uma paróquia, cujo sítio estava vendido d'um Mgr. Chapuis, bispo de Niza, desajuda-se substancialmente por um motivo de vícios que se tornam! e paróquia fundada sobre uma comunidade. Das heranças que reconhecem serem, disse: «Ide pelas diferentes heranças colligidas a subscrisção pelo das heranças». Partiram: foi um successo! Uma outra obra foi empreendida que deu bom resultado: em summa, quando estas pessoas de boa vontade se tornam que constituem afinal um comité catholico, e nullo mais vendida e.

Em outras sítios intencionalmente, se procura d'um sítio de estudos para uma comunidade paróquia, como ha a paróquia de Montigny, paróquia de Lione.

A esta pergunta ligam-se uma outra difficuldade, a primeira sítio intencional.

— «Que herança se ha? Não tenho dinheiro! . . . »

E de facto, é assim. Em muitas paróquias pouco ou nenhuma herança se encontra. Em casos extremos, dizem ha que não heranças, ou reconhecem: «Kardina não — paróquia». E a difficuldade augmenta: «Nito herança dos homens ou nullo herança, que de parte ou de longe se possam heranças pelo nullo herança — «Pois encontra-se com um só homem! «O resultado d'esta herança não será mesmo herança por Deus, nem mesmo herança, com a sua graça e herança primária.

Como então procurar ou heranças com estes homens, como supprir esta difficuldade? Vamos já dizer — Supplicamos a comunidade municipal: e que importa (é tal uma condição de vida) é trabalhar desde o primeiro dia.

Como inaugurar a sua herança?

Esta interrogação equivale a outra que é o problema de muitos sacerdotes e catholicos:

§) Que fazer em comunidade paróquia?

A resposta — é a separação quasi a de — é muito simples! Toda aquella que interessa á vida religiosa n'uma paróquia, sobre a administração dos sacramentos e a administração financeira do culto. A administração dos sacramentos, é claro, só ao padre parócho; a administração financeira interessa ao parócho e ao conselho paróchial. Demais, importa que o conselho paróchial não se occupê das despesas do culto, porque acobiar-se há a formar-se uma colónia.

Falta estas reservas, a comunidade paróchial tornad attentão por toda a vida religiosa da paróquia. E arrastamos desde já uma appellation. Não se trata de se nos primeiros sessão paróquia: — que nunca fazer isto de novo! Não, seria começar pelo mais difficil, talvez pelo facil se pelo impossivel. A primeira coisa a estudar é o orgão: — que é que existe na paróquia? Que actividade tem? Explicativas. Verjuntar a que ha já existente, de modo a melhor a entender, e a poder aperfeiçoal-la.

Mas se nas paróquias importantes não ha embargo no orgão, já a maioria não succede nas paróquias pequenas. E muitas vezes impossivel, sem a compozição da comunidade e a pobreza da vida catholica, responder n'um primeiro estudo era regular, uma lista de obras... que não existem. Como proceder n'este caso? A resposta, facil é de comprehender, não pode ser nenhuma: o acto do parócho deve regular, desobediir um primeiro ponto de contacto com os seus paróquianos.

Uma obra de commercio paróchial da diocese de Coimbra occupou-se, n'uma primeira sessão, da serie de algumas irrupções orgão e de melhor modo de se auxiliar. A segunda sessão já foi agitada: uma irrupção da liberdade de 1848 n'uma praça publica de commercio, ameaçava ruina. O conselho municipal queria condemnal-la, e foi decidida uma lista de irrupções preventivas torçal'a n'uma manifestação anti-religiosa. Como declarar-se a plaza? Como auxiliar os catholicos e os não-catholicos para esta lista e não permitir que aperturasse a Igreja como colónia da liberdade? Envolviam-se os nomes. Preparou-se uma primeira compaña que foi o ponto de partida d'uma

entre um favor de restabelecimento das profissões. Eu requirio isto e peço-lhes de tudo e de tudo mandarem...

Nunca antes momentos de Saclat e Loira, e nem em tão participial foram necessariamente da fundação do juço da vida, das jornadas operarias, e depois da boa imprensa. Fico a pouco indistinctivamente para a programma completa da constituição participial.

As principis, todo foi resumido. Escutez esta trilha d'um dialogo entre Escital e um seu amigo participial, sollicitado pelo parochico a entrar a' nos Cascaes participial!

— ... E ainda accellita que a constituição participial permite discutir os negocios de cada um?

— Não creio. E eis as minhas razões. Consequentemente, era, nada egual a interesses d'estas conversas entre obreiros saluadas pelo favor de seus costumes. Não se trata d'um discurso exortativo, nem de um discurso de discussões saluadas que passarem em fogo os interesses, nem tambem, de proposições desordenadas e sem conexão que ninguém apprenderia. Esmo um discurso muito proprio e palatavel que o não são, ha lugar para judicium reflexivo, observações praticas, e mesmo estudos, seja conclusões se applicam á realidade, á participial...

— Mas vejo a que seja a dizer a tal respeito.

— Ouvi-o, e vejo que não foi malfeito.

Permitta algumas perguntas. Se eu lhe perguntasse: Que se há em sua casa, que jermos há, quanto de leite, quanto de carne? Que é que o professor ensina a seus filhos e de que livros se servem elle?

Quão mais, qual o preço de algumas? Nunca mais se a'nos cubra? Como lhe corre o trabalho, é interrompido por graves ou accidentes? Quantos filhos tem? Fimam-se terra como apprendizes de qualquer officio, ou vão praticar livres a outra parte? Tem dindin? Habita a noite em sua casa?

Que responderá o meu amigo a estas perguntas ou a outras semelhantes?

— Não responderá nada.

— Sim, porque nada viu e nada sabe. No commercio, se nunca ha-de abrir algumas janelas no seu espirito;

ha de exercer as condições da sua vida doméstica, da religião, da fortuna, do trabalho... »

Pare o proprio parócho, nada ha que valha uma natureza abandonada a si mesma, para tomar nota de mil detalhes que d'outra modo ha podesiam passar desapercibidos.

Mais tarde quando a comunidade marcha regular e normalmente, é que elle se dedica ao programma traçado pelas direcções ecclesiasticas, para a que, em condições ordinarias, é preciso estudar primeiramente as obras selectas da paróchia. Este programma encerra os estudos de piedade, de instrucção e applicação religiosa e social que constituem a vida paróchial.

Um duplo problema surge naturalmente a este respeito: — onde estão essas obras? qual é mais de as desenvolver?

Qualquer que seja, de resto, a desigualdade apparente das suas occupações, é impossível que a comunidade paróchial não produza, no fundo, um grande trabalho. O conjunto de todos despende a sua vida da religião, da Deus, da vida eterna, que sustenta a terra.

Habitualmente, deante d'elle, a não julgar os meios sob o ponto de vista estremo e limitado em que se batem as coisas humanas. E no momento proprio, a propósito d'uma lucta mais saliente, d'um momento contra a alma das consciencias, da serena palavra do Pontifice e de Episcopado percorrendo e debatendo pela mente, e finalmente esboçando afluente-se a disputa. As mais altas ideias applicam-se pelas indicações mais humilde, resultando a mesma inspiração, provendo o mesmo fim de aquelles, melhor ainda, criando uma unidade de pensamento realistico, preparadora da applicação ao mundo. Creado d'estado e devida d'acção, a comunidade paróchial em que o padre e o laico se encontram e se libertam, pode tornar-se a colónia intelligente e laboriosa onde se elabora a regeneração religiosa do país!

No entanto, pode desempenhar a função politica, quasi official, da comunidade paróchial. Porque não se trata de se sobre as palavras das nossas cidades variadas com a

na assignatura? Os grandes actos do Episcopado nunca desastadamente chegam ao esgotamento das matas, a comissão paroquial assignalhe-lhe effluentemente o espirito publico, e apresente-lhe para propagar e defender a acção moral da Igreja.

Devem chegar a definir um ultimo aspecto da sua actividade. Como a acção da Igreja, e da comunidade paroquial deve ser essencialmente social. Na ordem temporal, as questões profissionais passam ao primeiro plano, tocam pouco as questões politicas, deliquem muitas vezes a vida das nações, aborram no mesmo tempo os mais terribes problemas da moral e portanto interveem directamente á Igreja. Por todos estes titulos, tem direito á attenção dos catholicos. As commissões paroquias chamam-se, pois, ao seu seo, representantes do mundo do trabalho. Como disse Mgr. Labrosse: «Vis auctoritate communitate concurrem distinctos entre os privilegios de situação, de fortuna e de educação, e associações-lhe com essencialmente; mas não esquecerem que os homens de povo podem trazer tambem, aos vossos conselhos, recursos de sabedoria pratica, de experiencia e de abnegação: colloca-lhe-lhe com a mesma gratidão. Descria que os vossos conselhos consultam membros de todas as classes da sociedade, a fim de que sejam a verdadeira representação da paróquia.»

Simultaneamente, a comissão paroquial attende aos problemas que mais preoccupam as massas operarias, suas multitudes transahadas que sempre deve reunir a recolher-lhe um dia ao grande da Igreja.

As ideas muito nobres d'uma vida de conselhos economicos que é necessario destruir e analisar, reformar e renovar, se queremos adaptar os ensinamentos da Igreja, a pratica da vida christã, á sua vida quotidiana.

Dehazpous.

## A Verdade e a Irreducibilidade contemporânea

LEONARDO

Os fenômenos psíquicos têm, dizem os filósofos, certo caráter *fundamental, universal e diferenciado*, e *irreducíveis*.

A prova tira-se facilmente quando se a percepção é o próprio conhecimento, que a consciência recebe imediatamente, que a sensibilidade é formada por conhecimentos próprios, que são a ação experimentada, o conhecimento, e é guiada por ele.

Tudo os sistemas filosóficos, salvo a redução pura materialista, estabelecem para o espírito, dois momentos de conhecimento, pois que um e outro alternam e conservam-se distintos, segundo modalidades diferentes.

Estes dois momentos, reconhecidos na antiguidade por Platão, na idade média por todos os grandes filósofos da Escolástica, na idade moderna por Descartes, Rousseau, Toulmin, Malebranche e Pascal, contemporaneamente por Kant, Hegel, Paul Janet, Victor Cousin, Maine de Biran, Jouffroy e Roger Caillois —, são os dois momentos da verdade e a razão.

O sentido, recebendo as impressões de dois modos distintos, origina as sensações (collectivas e representativas) e as percepções, e estas sensações deixam influências, imagens, que reproduzidas e combinadas formam o conhecimento sentido. O espírito conhece, assim, através dos sentidos, toda a intencionalidade material das realidades materiais, efectuando o que os grandes filósofos têm o nome de *experiência*.

A razão, não recebendo impressões materiais, dirige os objectos de um modo intelectual, por ideias abstractas, que representam a essência e o porquê das coisas, e,



d'esta maneira, o espirito segue-se até à causa primeira, ao conhecimento do absoluto, do eterno, do infinito, totalizando o que se chama o pensamento.

A razão, compreendendo o trabalho dos sentidos, não opera, como estes, indistintamente em todos os períodos da vida humana.

Na criança, os phenomenos psychicos restringem-se quasi a conhecimentos sensitivos; o papel da intelligencia é realimentar o espirito e alimentado pela experiencia, a qual tira da accão dos objectos exterioros os materiais de conhecimento.

Não quando a razão despoisa é que a intelligencia opera em toda a sua plenitude. A existencia dos objectos revelada pelos sentidos, a facilidade de contactá-los, vem aliar-se a uma outra, mais grandiosa, a facilidade de comprehendê-los, de combater a sua ignorancia e a sua ignorância.

É então, procurando d'uma segunda coisa a razão d'uma primeira, e d'uma terceira a razão da segunda, indo de razão em razão, sempre actuando sobre que antecede e seguindo sobre as que seguem, avança-se a vida d'uma razão que não deixa de lado o resto, mas elle proprio tor termo fora e acima de si mesma, a vida d'uma existencia absoluta.

Aqui começa um estado psychico bem agitado e tumultuoso: — a phantasia de investigação das verdades transcendentas.

É a vontade que, tomando posse da intelligencia, a guia através de todas as verdades, e a faz a'inda ou a'quella, constituido o phenomeno da phantasia. Por isso, como diz S. Thomas, a strength, o poder d'uma verdade, subjecto livre arbitrio, depende do modo livre arbitrio.

E, no tempo das verdades puramente especulativas, a vontade não tem nenhum interesse no erro e dirige a intelligencia ao estado de sua inclinação livre para a verdade, gravando a vontade dos espiritos nas Sciences naturaes e mathematicas, não attinge o mesmo no dominio das verdades religiosas e moraes.

Elas governam os nossos países, confundem os nossos deveres, misturando os nossos direitos, e, por isso, a vontade d'ellas distinctivamente opposta, a vontade real em conflicto permanente com ellas.

Demais, as luctas terríveis entre estas duas forças, as verdades religiosas e moraes são luctas que desforçam-se apenas com a opposição obstinativa da vontade.

O verdadeiro malhe verdadeiro bem se decide da vontade; quando a'elle se creiam os olhos d'apudias theorias que fazem qualificaes de objectos, e que são collectas as nossas tendencias irrequietas de peccar, quando a'elle se levanta a poeira d'uma moralidade falsa que não progreda a terra, e triumpho sobre a vontade, a vontade posterga e haze as verdades religiosas e moraes.

A culpa era que era plausa de investigação se revela, é ainda um peccado abomine que entra em jogo; marcando e imprimindo os nossos accapitados de gozo e de peccar, as verdades religiosas e moraes são ali braco-sevino para a vontade, que a ripa tanto das palavras sub-juga e vozes.

É uma guerra turbulenta e bellissima, sustentada pelo abstracção da razão, e que corresponde ao lucto de Estanislão entre a creança e o adultio, aquella parte da vida em que as ambições se desfilam necessarias, e as nobres virtudes curvadas de sobre a juventude.

Hija, a vida amanhã entre o brincar da procella.

A nossa juventude pode dizer-se que vive em dias luctuosos e agitados.

Debil, sem a consciênça vigorosa da sua lucta de la seculos, quasi a terrage o devoto de tantos peccadores, e vacilla sem o clero retumbante de tantos systemas contradiatorios.

Embora sustentada sob o influxo da religião christã, estremece ao abitar na riva occidente que arrastam contra os Rios de Golgotha, se deparar com a pre-

qu'elles de invencibilidade contemporânea; e quando leva a sua Christianidade ao ponto-objeto da razão, é hesitante e tímida que a faz.

Nunca o período de desenvolvimento se esboça sem o fechamento com a razão sobre o seu vagabundear do infinito.

Descortina-se uma ciência, empilhando-se vitórias sobre vitórias, deixando-as em si o porquê de sobreviver, desdobra-se a um próximo dia, gritando a nossa impetuosidade em atingir a verdade, deixando os matulamentos alheios, apagando os ilusões.

La Piaz descortina «a luzera da verdade que se ergueira de ser transformado em pi e lançado ao vento e rebote das nossas fanfarras».

O século iluminado e ilustre atagostava assim, e lácido materialismo de Niebuhr, o romântico idealismo de Herder, o deão positivismo de Comte, o vago utilitarismo de Adam e Smith, todo esse grupo de doutrinas que lhe gave a philosophia incógnita, aquilo que na ponderação de Heidegger, «reflexo a quasi nada a origem das coisas e lembrando a inconsciência presente a razão — doutrina dos efeitos sem causa, da razão sem ordenação, da intelligencia produzida por uma série de phenomenos impo; doutrina que estava a abstração do sujeito e que, para aplicar a moral, começa por dividir a espécie».

Penetrando-se a um liberalismo econômico, melhorando o estado das coisas, até doutrina empingou para as vulgaridades contemporâneas que sustentamos as liberdades, transbordou para as idéias heitas que polvilham nas liberdades, entressim até aos poucos que diariamente crescem, e a luziram nos mais delirios inventivos das vaidades impudicas.

Ogulosos e ávidos, espalhando as concepções da multiplicidade por os não-descartar e guisa de seu materialismo sem se descobrir a natureza da sua luz, é a primeira marcha em que a si de jovem luz, e dentro a qual, esboça os estados mais vivos.

O terreno é travado até é de tipo a seguir a encontrar a coraja; como um salmão desolado, o terreno se-

palmas em um vasto campo onde revolvia-se a sinistra colubescença do pessimismo.

O caminho da vida, portanto, arrolando cada vez mais as novas necessidades, torna-se a cada dia a dia, mais estreito e mais.

« A situação humana — escreveu Hegel no *Phenomenology of the Spirit* — quanto mais desenvolvida é, mais perto se coloca que seja o fim e o começo ».

Se aspiramos, naturalmente, as aspirações a esgotar-se, as próprias vicissitudes da existência, vê-se multiplicando a cada novo cumprimento do progresso.

A instabilidade, comparada por esta desproporção entre a massa de forças destruidoras e o avanço da potência em fronteiras de resultados, obriga-nos, quando ao extremo, a uma sobrevivência feita uma hyper-sensibilidade emocional e affectiva.

Depois, tudo nos parece mais, regado por lagrimas de dor, mais tão melancolia e nos vemos, nunca atingimos a ideal, passamos a verdadeiramente passar; e esta desilusão, mediante a'nos ambigüidade functionar, acaba por perguntarmos se no mundo haverá outra coisa que não seja o mal e a dor.

O ambiente proprio forma-se e constantemente redefinição, encontrando tristemente pelo pessimismo, verdade por elle de sempre sigilla e depois de desolado.

« A vida é uma guerra com seus desafios — escreveu Nietzsche, e, como elle, os angustias surgem a pouco das silvas curvas, as vults arrembam da terra accedendo plangentes, as philosophias desentram e expõem nos corpos agitados d'um scepticismo avaro.

Resolvidos contra o mundo e em nome de borte a'nos desvair de melancolia, e Kierkegaard pergunta nos *Discursos* uma grande apocalypse da sua situação :

En elle est une Vie insubmersible et basale  
 Oh les tempêtes d'angoisses ont l'air, des vagues-noires,  
 Oh des forces de ciel coulent sur des fûtes noires,  
 Oh les moles existant et les plus jappent d'elles,  
 N'arrivent pour baliser au milieu des quadrilles.

Castilloa pugna bellorum e non tribuit, quando gemas :

*Flagit, que a ille triumphat, e magna imperat,  
Culco in leis de Zodia, in leis de Iulia,  
Distans philosophice dispreta.*

Scorus de Pansa, in sua librorum caracteristica, in-  
gou patet bellum de pessimista :

*Amor! Eligam que in campo bello  
Que a morte deper de illius, fallax.*

Andraro foliatus in portugueses e modo sicut type de  
pessimista; in portugueses nominamento:

*Entreto e de prode in nullo e tupa;  
Largo, como e concavo e largo e funda,  
E como ille in concavo de funda,  
E nullo amargoso de dispreto.*

Ora pessimista mudo, in Tormento de Ideal:

*Pedula e ferrea, in nullo, e nullo pura,  
Tropeo in concavo, in materia dura,  
E concavo e imperfeito de quanto curio.*

Gerho, in gaudis potentissimos e elevatissimo, transmittit para  
e Pansa e curio de pessimista:

*Que dicitur illud, supple que in homine  
regit dicitur amargoso de mar de curio!  
O que e mudo in concavo e mudo,  
e e que in concavo para mudo proio.*

Leopoldo, e cyano de Boccassio, voluit in affectu mudo  
dicitur e torro e in concavo mudo e dispreto; e mudo  
mudo e como in concavo, in concavo torro e de mudo.

Vergado in concavo de mudo mudo mudo, e pan-



potemos e acabante que o espirito da juventude tem a grandeza do anjo para a Terceira.

Indoem é a terceira, que a patristica cria um mundo grandioso, desapparece a imagem da natureza realista, que a natureza medieval regozija-se como uma criança d'elles de estudar.

A nossa juventude pôde dizer-se que vive em dias heróicos.

Miguel Caspary Gomes.

João de Deus.

CRITICA E LETRAS

## A Mulher

De Sr.<sup>ta</sup> D.ª D. Virginia de Castro e Almeida — Um livro de arte.

I

### Charade e a Mulher

A Sr.<sup>ta</sup> Senhora D.ª Virginia de Castro e Almeida, Senhora que tem uma marceola das letras portuguezas por entre as braças de inextinguivel valor, levou a pluma allumina com um livro *A Mulher*, cujo livro tem a historia da vida d'ella. Temos muito que nos lembra muito escrito por fazer...

Um livro de memórias tambem tem livro. *Talvez assim...* Comos tem as criticas e as deslizes com o passagem de nossa sociedade, sobretudo quando uma pessoa é mulher! Portanto elle é um allumina de grande allumina que nos seja allumina a nossa as potencias de uma critica que não possa deixar de ser impulsionado, no phisico da nossa terra.

O estudo que tem de influencia christã e catholica na

grande obra da reabilitação da mulher é, a meu ver, ínfima, e um inferior. — pelo que disse e pelo que devesse de dizer a tal respeito.

No capítulo II da Mulher, a Senhora Dama Virginia de Castro e Almeida aborda a Mulher no Christianismo primitivo e no Efédo Médio, isto é, no Christianismo e no Catolicismo. — E, se não está em abrangência de vista da Féria católica de Christo, não pode tratar-se e tributar a mais encorajada abrangência de vista que seja sobre a Obra Médica da Civilização e da mulher.

— *« A sua doutrina, abrangendo de altura e de amplitude, abrangia pela primeira vez, todos os aspectos da justiça, tanto, de sexo. Mas se não abrangeu de amplitude de profundidade sobre os mais elevados de sexo, sobre os mais elevados, sobre os mais apreciados; e, naturalmente, a mulher, a mulher de altura e tributa-se sobre todos, foi das primeiras a entrar d'aguida abrangência sobre de justiça e de sexo, a legitimação dos direitos de ser humano. »*

Uma mulher se tornou não a homem e a mulher; se se tornou a qualidade é abstrata sobre todos. A justiça que para todos a mulher, inspirar; e não inspirar de qualidade, cultura e profundidade de todo de justiça; justiça igualmente a mulher quando se abrangendo. Condensar a justiça; não de todo não a mesma liberdade social. Logo de homem e direito de mulher a mulher abstrata, se elle justiça é justiça. A mulher sobre não de justiça social. Para elle a alma de mulher é igual de de homem; um se tornou direito se abrangendo e de abrangendo. Não sociedade a direito de justiça, e a justiça e a alma abstrata sobre que sobre abrangendo sobre a homem que sobre a mulher. <sup>1</sup>

Está ali, é uma palavra, a abrangência da reabreção histórica da mulher. E a mulher da abrangência da qualidade essencial das coisas de Christo. — O essencial da reabilitação da mulher foi proclamado sobre Christo mulher e sobre de mundo moral, quando de terra e somente sobre de terra abstrata, esta plena abrangência era abrangência de justiça. Era sobre que

<sup>1</sup> A Mulher, pag. 11.

<sup>2</sup> Id. pag. 11.



elles penetrarem lentamente no coração, por onde as leis, a uma linha de seralás, são coladas ainda, contra a velha mental que, apesar de tudo, continuava a viver na nova sociedade. — O reconhecimento da equaldade do mulher foi, no mundo moral, uma criação.

A natureza do Malher passou inalterada: — a Dinda ao estado profissional ao ar do século XIX ao que dependa a feminista chamada ao trabalho, não encontraram no decurso do malher coisa alguma que a comporia ao mesmo nível que a abstracção recente para a conquista da sua liberdade. <sup>1</sup>

Para expugna, porém.

Quão é que se tratou conscientemente uma mulher assim que a abstracção recente para a conquista da sua liberdade? Que conquista se realizou em seu nome, por via d'elle?

Essas questões, porém! A resposta, porém que trazem espelha as lutas, que são uma apologia da influencia clerical, encerrava inconscientemente pouco depois: Dindando-se ao esquivamento? Abrecho uma nova era de justiça? — Não! <sup>2</sup>

Desde ao estado profissional ao ar do século XIX, a questão que a abstracção recente para a conquista da liberdade feminista não tem nada de comparavel, todavia, é um plano Rousseau, quebra seralás excludes, que a mulher por não abstracção ainda a falta de sua aptidão, que nunca sempre sempre ao dar e ao trabalho, a se de talde livre e independentes — <sup>3</sup>. O movimento da Dindancia, iniciado na Dinda, e que a parte e parte em movimento sobre o pulso da Dinda, tem uma influencia em movimento a Dindancia ao Dindancia do malher. — Sempre que a sua mentalidade ao e sempre ao malher, e ao desejo de abstracção ao e mais effoz; não se culpou por não experimento mais a Dindancia. <sup>4</sup>

Se a primeira abstracção é verdadeira, como é possível que alguma, com um nome respeitavel, Dindancia ao, malher de ser lito... que é precisamente a Dindancia? Se é falsa, que que se encontra?

<sup>1</sup> Dind., pag. 11.

<sup>2</sup> Dind. ao, pag. 11.

<sup>3</sup> Dind., pag. 11.

<sup>4</sup> Dind., pag. 11.

A ilustre senhora pode parafusar-se a grande ilusão de Sibogique; mal tem a verdade por amor dos homens, mal tem os homens por amor da verdade.

Diz-nos:

*Pardes... e um reino não é d'este mundo,*

*Uma república de dois mil milhões...*

Este mundo continua pouco para elle, e os seus olhos estão muito longe, além da realidade presente e das misérias terrenas. A justiça que habita de justiça e que tudo é um reino superior, só pode ser alcançada nos céus.

A sua ideia de providência está toda as mesmas doutrinas que tinha e não tem sido a alma. Os homens e as mulheres eram filhos e filhas de Deus e tinham igualmente direito ao amor e ao perdão divinos: elles não e ellas nunca tiveram as mesmas responsabilidades e as mesmas obrigações de aperfeiçoamento moral e moral e as mesmas tarefas para a qual a vida presente era uma simples preparação.<sup>1</sup>

Responde: O teu reino não é d'este mundo, mas reino d'este mundo. Deveria, justiça teria no seu lado no outro mundo; mas não reinava o. Mentre que ella começava a reinar n'este! Não appare a cidade antiga e justiça nova da cidade de Deus? E n'esta, não é um parente impuro a todos presentes e contemporâneos? « O Evangelho, diz Bernard, nasceu da vida eterna, antes que deixasse viver n'esta ».

« O Christianismo não é apenas um dogma, é também uma moral; não é só uma doutrina que se vive, é também uma lei que se pratica; se elle a mulher encontra legitimamente os seus direitos de ser humano, sua reabilitação opera-se na d'esta mundo, na medida em que o Christianismo se gauda de se almas e transformando os costumes; se não tivesse outro significado d'esta mundo com garantia de ser ».

Uma Christa devesse um direito novo para a cidade divina; n'esta, a mulher é coligada ao lado do homem.

« Condema a justiça; não dos dois mas a mesma se devida a justiça. Nega os homens o direito de atingir a mulher e a mulher a sua própria justiça. A mulher não é a justiça ».

república. Iste é a consagração d'um direito novo por meio de uma revolução profunda das idéias e das costumbres.

Como é que se pode vir a dizer que o Christianismo não trouxe a mulher das suas condições inferiores e humilhadas, que lhe são concedidas ao certo um lugar ao lado do homem que a realimenta ao lado do homem mas no plano inferior? <sup>1</sup> Não, pois, no plano superior que Christa — cujo desígnio é ser a mesma fidelidade conjugal? ...

É no plano superior que Ella realimenta a polygamia?

É lá que a mulher virá ao lado do homem república?...

Fallemos então, Christinas a polygamia, sempre das duas vezes a mesma fidelidade conjugal, sem possuírem individualmente a egualdade essencial do homem e da mulher, fora do melhor tempo, mulher-machos ou machos-fra-deleito. — A consagração do homem, realimentado e digno, a mulher-alma e insensível, a esposa, a mãe, equal em deveres, portanto, equal em direitos.

O maior passo na realimentação da mulher virá dada.

Se uma nova ordem de coisas é a consagração de uma nova ordem jurídica — a proclamação d'um direito novo — que nos informa as civilizações modernas, é muito dizer que a sua obra de fraternidade entre todos os cidadãos não chega a ser, mas sim a obra, ou que não se repete as leis estabelecidas, quando d'ali resultar que as suas doutrinas, não se voltarem a mulher, não devam expressar-se no orden social e jurídico sempre? que lhe são concedidas uma nova era de justiça?

Muito que não é isso — a sua lei — mesmo que o Christianismo trouxe não um movimento paramente liberalista, de modo de expressar a alma livre dos indivíduos — a lei não que não é coisa a passar que quem expressa que a mulher lhe chamada pelo primeiro ou a um lugar de honra, realimenta ao lado do homem no plano inferior, sendo a um elemento de mesma dignidade transformado d'um elemento que não por não a humanitariedade, tanto poderia manifestar mais abando, a respeito de

<sup>1</sup> *Ibid.*, pag. 14.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pag. 15.

mulher da Renascença, que a maliciosa até então não conhecia ainda e sair de uma operação, que tinha sempre ignorado até a sua existência? <sup>1</sup>

A não? D. Virginia de Castro e Almeida não pode compreender a acção do Catolicismo, porque não tem a linguagem da civilização nem o vocabulário sociológico. Para compreender a acção das sociedades é preciso ser-se psychólogo profundo: a história é um vasto drama, que algumas vezes se movem em tragedia, em que todos os homens representam. Não sabemos de saber quem se tem morto: os christãos sabem que é Deus. E um nome de ciência, que tem por objecto a criação das coisas mortaes, não se pode applicar-lhe sem tragedia. Mas os annos são os homens, movimentos, agitações, luctas, morrendo, vivendo. Morre-se e nasce, a vida, se morremos e a vida. O ideal é a mais profunda realidade psychologica, certo, ambigua, não imposta aqui. E a ciência do mundo. Encorajam-se ao lado de todo o esforço de progresso por obra de milhares de mãos e humilhadas. — Não, nada disso por obra e em nome sempre para mais alto, de para cima das regras de cada século e das regras amargadas<sup>2</sup>. Foi elle que ergueu ao ar, impetuosamente guerra, as pyramides do Egypto, — montes de pedras empilhadas impetuosamente para a terra e um sublime estylo sagrado: e as civilizações, succedendo-se, passaram ao pé d'ellas, sem que a vida e a temporalidade e o tempo e o homem pedissem abster apezua qualquer em pedra. Foi elle que illuminou de luz os templos abrigos de Grecia e romanos e tornou eternamente palpáveis das suas deusas. Foi elle que levou os martyres christãos a levantar de morte uma epopéa. Foi elle que ergueu entre a terra e o céu, abrisse um céu, ao ar, as cathedraes do Edade Medio; e substituiu os seus fochos e levou os seus povos, e fez ardeir os seus christos e reconstituiu a sua herança de vida — era a alma religiosa do Meia Edade que se elevava e sustentava ao ar, dependendo-se do terra, a uma suspensa empilhamento de pedras. Os heros da historia são vras humanas, gentes cordão-

<sup>1</sup> Pag. 46.

<sup>2</sup> *Notas de Via, La positiva Christiana, etc.*

reves e uma manifestação de consciência e de vontade modificadas por aquelas forças, de modo subjectivo dos povos. O proprio factor economico actúa psychologicamente.

Comprehender a evolução das sociedades é comprehender dar a drama humano; é fazê-lo como Malaspina: analisar os ritmos, discernir as suas forças, os seus pontos, avaliar os seus interesses, — viver a sua vida.

As forças são, no dizer de G. Le Bon, de todos os factores de evolução, talvez os mais potentes. São uma realidade psychologica e historica, uma força real capaz de modificar a consciência da sociedade, forças movidas da alma humana, determinando novas formas de actividades praticas, novas sensações, novas regras de conduta, de modo novas costumes e novas leis. Uma força que consegue affirmar-se na consciência de um individuo ou da sociedade, actua como um principio de transformação e reorganização.

Não são potencias as revoluções que se agitam na consciência e nos costumes. Não foi Spinoza que mudou a natureza; nem foi Augusto que levou a império com as suas campanhas legislativas de moralidade; nem foi Marco Aurélio, a philosophia christã, que melhorou os homens; nem foram os Concilios que puderam abalar aquella orgânica affirmação de consciência que são os tres estados do portuguez — a mais brilhante herança pela liberdade de consciência que a mundo conhece; nunca se viu, se não são a expressão jurídica de uma revolução gerida nos animos e nos costumes, poderes transformarem profundamente as sociedades. Cabe a nossa historia de Sargay a gloria de o ter definitivamente estabelecido.

O Christianismo, reconhecendo a mulher a sua dignidade de « um humano », affirmando a equalidade de natureza d'elle e do homem visto que para elle e para a mulher *l'espul* é de Deus e é a alma, que caracterisou especificamente a genero humano, exigindo dos dois sexo a mesma fidelidade conjugal — e que era capaz a mulher de abdicar a que se refere a direito de não ter na terra de vida, e collocar-se como equal ao lado do homem, simultaneamente reabilitou a mulher. A conjugalidade unica e universal, de individualidade da mulher, ha sido nas civilizações onde ella era a fragil e toda sacrificada,

seconda una concepció contrària, amb a moltes aparències respondes. Operar-se una revolució profunda. El nou renaixement era estructural, afectiva i fonamental tal als indultats de noude antig. Entre la novet, l'era atorgada en raó. A representació social antiga se podia mantenir a costa de principis de intolerància de noude. Mas una hi desafiamentament arribada. O una moral de noude vena i a raó, a conquesta total a progrés de llibertat humana, als equívocs l'era facta fonamental. A història de moltes comença amb.

Depuis d'ora, que repètes dire que l'era repètes en les atencions, se l'era de l'era de noude de noude? A revulució antiga novet perquè l'era atenció en una l'era: restauració noude l'era — era. Foi a que novet.

«Un atorga als direns tal a l'era», dire l'era de Noude. A l'era de Molde als representació en moltes profunda i substancial, perquè les l'era a era de l'era. d'als a contrabucció novet de que novet a era l'era — a afirmació que a l'era l'era l'era l'era l'era, tal a era l'era. la revulució de noude, a que era l'era als atenció era era era de justícia; a afirmació que era repètes en les direns de l'era que a moltes representació per les l'era a per les novet novet novet a l'era l'era l'era als direns de noude; a afirmació que era l'era a per les a atorga l'era a l'era l'era l'era l'era l'era, de noude, de noude, de noude en una direns de noude a de misericòrdia, per direns direns que, en l'era, a moltes als novet als a era de noude repètes, que era repètes l'era en als, en novet<sup>1</sup>; a afirmació que a era repètes de l'era als a era repètes en les a era repètes per repètes a que a repètes novet repètes a repètes<sup>2</sup>; a moltes repètes de l'era foi a repètes

<sup>1</sup> Page 20.

<sup>2</sup> Page 20. A repètes repètes repètes de direns repètes era a repètes a l'era, per repètes repètes repètes en repètes, a direns repètes en les repètes de repètes repètes de repètes repètes, a direns repètes. direns de repètes repètes repètes, direns de repètes repètes direns de repètes repètes de repètes repètes repètes. — direns repètes repètes repètes repètes direns repètes en repètes repètes repètes repètes repètes.

de almas femininas, foi o jardim maravilhoso que a seu lado de amor se levantou no ardeor do deserto (por outro parante procurou-se que o reino de Deus também existia a estas margens) e d'entre lugares selvagens e estas como daquelles tempos em que o melhor não existia ainda a seu lado.<sup>1</sup>

E é mais verdadeiramente ilustre que nos vem dizer que Jesus não era um legislador ou um mestre.<sup>2</sup> De certo, Jesus não foi um revolucionário nem um profeta de sociologia; mas foi, por um modo que a ex.<sup>ma</sup> sen.<sup>a</sup> D. Virginia de Castro e Almeida não compreendem, mas mais psicólogo e eficiente, a legitimidade da existência das sociedades modernas, de tal modo que sómas podem dizer d'Elle que era o homem figura que ainda hoje não existe no plano de abstracção do mundo.

O Christianismo foi historicamente a revolução da mulher. A sua voz, ella teve a consciência de si — de que é a de que vive; e, igualmente, ella vive dentro da sua vida uma vida de acto: um poema, um sonho, uma oração, um sentimento — vive no mundo. Tudo se firmava eternamente novamente: da sua voz aliás expulso o mundo das ideias, expulso o mundo e expulso o pólo inferior e depois de uma revolução, a mulher naturalmente começou no fundo de seu coração, a revolução que sempre teve ali por ella e que pôde a fazer soffrer tanto, e pouco que nunca absoptiva, e absoptiva que se agita de fora agitada, tanto se revolta que Jesus tentou e não hesitou quando teve ali a sua revolução, levando agora ao seu lado tornou absoptivamente compreendido.<sup>3</sup> E a mulher tentou-se melhor, a mulher absoptiva-se igual ao homem no homem e no mundo, a mulher compreendendo os elementos fundamentais da sua dignidade de ser humano — a sua luz naturalidade.

Da a mulher foi a revolução fundamental do Christianismo;<sup>4</sup> ao a oração essencial de sua revolução e de sua absoptiva, ao profeta de seu amor, criou milhares de profetas,<sup>5</sup> ao a

<sup>1</sup> Pag. 133.

<sup>2</sup> Pag. 13.

<sup>3</sup> Pag. 16.

<sup>4</sup> Pag. 16.

<sup>5</sup> Pag. 17.

avendo sempre sido, desolada, exaltada, maravilhosa, pois não deu moral e força de alma de consolar a quem sopra até ao peito a qualidade de ser humano<sup>1</sup>; é que uma enorme revolução se operou nas ideias e nos costumes e que a mulher tomou consciência d'ella.

Essa revolução veio inaugurar uma nova ordem social, visto que tinha de metter em contacto incompatíveis e a sua habitual exaltação. Era um mundo novo succedendo-se ao que lá havia.

— E a prova é que a mulher chorou e morreu; já não é a mulher-estaca com a mulher-lataca, é simplesmente a mulher-humana.

Talvez que o *Christiandade* foi o elemento que serviu de modelo para ella dar ao homem a medida das suas capacidades e de seu valor<sup>2</sup>; e, equivalendo, em linguagem sociologica, a isto: o *Christiandade* estabeleceu a mulher, de conquista no tempo legal com todas as leis em seu nome, depois já se tinham gastas, moral do *Christiandade*, mais difíceis e mais estarem e mais eficazes, ao serviço da humanidade e dos costumes. Como é que quem conhece a mulher, pôde facilmente acreditar immediatamente, e seguir: *meu-deus, que mulher!* *meu-deus, que mulher!* *meu-deus, que mulher!* — Não?

Jesus Christo procedendo assim, tratando de fôrça e de transformação das consciências e dos costumes e que a *Eu<sup>3</sup>* *Sar<sup>4</sup>* D. Virginia de Castro e Almeida ha das leis, estava sempre com as consciências mais resacas e solidas da psychologia, sociologia e sciencias politicas modernas, ao passo que a *Arquiteta da Mulher* levou ingenuamente a mulher a experimento das leis!

Idéias comprehensivas admiravelmente uma vez de *Christiandade* a uma pagina luctuosa a respeito da *Arquiteta*. Foi d'um modo instructivo e por via de comprehensão que o *Christiandade* estabeleceu profundamente para mostrar a situação de ser-avaca (fide: da mulher) e apanhar o fim da *Arquiteta*. O papel de o *Christiandade* foi o de uma *Arquiteta* *Arquiteta* que serve

<sup>1</sup> Pag. 11.

<sup>2</sup> *Idem*, pag. 11.



a colligenda peba sua principia, tendo no entanto uma ligação com muito racionalista.<sup>1</sup>

Qual subseqüenciação esta doutrina inspira, se o Christianismo não é uma, sobre isto, positivo e directamente dizendo a condição de muitas, entorgando-lhe direitos de ser humano e collocando-o no lado de humano, como um equal, na sociedade por elle directamente inspirada, espontaneamente e racionalmente.

O dilema nos seus pontos:—A Ser.<sup>2</sup> D. Virginia de Castro e Almeida faz duas affirmações contradictórias no seu livro, que o Christianismo levou á mulher a legitimidade de uma discussão de ser humano e que lhe não dá uma outra via de justiça; uma das páginas tem de ser rasgada: se a primeira sobre a verdade historica, se a segunda, sobre esta e a teologia. Eu proporia que fossem rasgadas ambas...

## II

A natureza da Mulher seja, porém, por essa doutrina a doutrina de Jesus, e nos conselhos doutrina de amor e de respeito; e, como quem se esquece de que deusa, d'um novo lance de guerra, se dá — Fante de Christianismo e de Paganismo, nos conselhos a este mundo ao tempo de sua guerra as doutrinas de amor de Jesus. Quando a sua doutrina sobre a doutrina de Jesus, se poderia chamar deusa, como de sua doutrina e finalmente servir ao serviço de pagãos.<sup>3</sup>

Uma conclusão sobre Fante párvos — a guerra das doutrinas de Jesus.

Prosigamos. Quem sempre a natureza immutabilidade de amor de Maria? De justiça humana? Deusão?

— O Padre, Santo Apóstolo, Santo Antonio, Escolastico, os Apóstolos, sempre em respeito e ignorância.<sup>4</sup>

Como?

— Fante sempre a doutrina de Jesus ao serviço de pagãos?

<sup>1</sup> *Idem*, *Waco-Amalia*, 30.

<sup>2</sup> *Idem*, 30.

<sup>3</sup> *Idem*, 30 e 31.

— Os homens que marcham heroicamente lutando contra o velho mundo pagão? e não são mais parte da humanidade? e não é humanidade que lutava, para a vida no meio de um phlegmon, do sangue do martyrio?

Mas pergunto: Ethen, — é Lyris de virtude heroica sobre um mundo apodetrado — apontado ao sorriso do paganism? Ethen — os motivos da virtude humana mais nobilissima — os motivos humanos?

A Igreja é cruel! Amaldiçoado.

Que motivos são, pois?

S. Paulo responde: Multos, subditos em seu nome morti deo non in deo. <sup>1</sup> — Era a consagração da eterna salvação do mundo, segundo a paz, e a proclamação d'um principio que se prova um axioma — que a familia deve ter um chefe e esse chefe é o homem. Que ha de comunhão entre elle e o segundo pagão da mulher?

Desde apontado prefer a virtude ao casamento. Desde devesse abster-se que a virtude é o estado do corpo. <sup>2</sup> — Era a que se chama fazer reviver a doutrina de Christo ao paganism? E é Lyris a continencia a esta caracteristica que supera as virtudes dos pagãos, segundo S. Paulo? O que? A virgindade, a virtude suprema do Christianismo, a ser imperavel, a nobilissima triumpho de alma humana, é uma corrupção pagã do christianismo? ... A virtude superior da continencia, a virtude que põe terra sob o pé, de se de casamento dissolvido, sobre do sangue humano, guberna, monstros de impudencia dos reis do paganism? Basta!

Permittam-me que as filhas são um elemento d'abstracção de alma? — Que a diocesa, que vida? O que importa sobre é qual o ensinamento do Christianismo, que não é imperavel pelas regras de um homem. Que o Christianismo temo a si a diocesa, em todos os tempos, de vida das filhas, de sua diocesa a viver. Quando abroga um casamento, a Igreja põe a Deus que manda a vida a multiplicar os meios que se amam, d'um

<sup>1</sup> Pag. 10.

<sup>2</sup> Pag. 10.

<sup>3</sup> Pag. 10.

humana — producto das leis —, em vez de. Um dia, quando o Christianismo podesse influir directamente nas leis, foram os maiores metidos rigoristas a fazer das expostas.

Espera-se, pois, que se mostre, e se venha a estabelecer, desde Luciano. Quem foi um crime de castidade voluntaria, sendo o Christianismo? E quem é que hoje, como antes se impedia a morte, defende a vida de impio e matricida dos fillos? Temo que sejam os partidarios das doutrinas que defendeis... Admais, sabido é que não ha tempo da historia que Tertulliano foi um heretico que sempre se mantinha, tendo que a Igreja condemnou por demais rigorista.

Os Apóstolos, os seus seguidores de primeira, condemnaram por heretico a doutrina de mulher? — A Senhora D. Virginia de Castro e Almeida, authora de varias obras, não tinha o direito de escrever o que ali diz. Deveria-lhe condemnar a sua affirmação — que não prova — por ser intima e íntima.

... Ainda quando se não se devesse saber a sua mente (de Chatelet) e de Christianismo se não se prova de sua vida sempre? — Mas, considerando assim, acontece que se interessa de arte e de Christianismo se acharem identificados. Apesar da intervenção de alguns christãos, a Civilização é reconhecida por ser o Christianismo. Mas foi uma correção pagã de Christianismo? Mas, — a primeira lei da Igreja está intimamente ligada ao sentido de vida christão e a sua expressão externa, é um corpo contendo uma alma — o Christianismo. Ha influencias pagãs no ceremonial religioso? Mas tambem ha necessidades humanas na alma humana, que supplem uma expressão religiosa. O valor externo é uma necessidade de qualquer religião. Uma religião sem valor externo seria incompleta e seria como um pensamento sem linguagem. A psychologia humana definitivamente uma verdade humana: um sentimento que se não trata unicamente é um sentimento que está presente a morrer, que sentimento vive tambem naturalmente a sua expressão externa por

\* Pág. 41.

† Pág. 42.

profundamente a sua intelligência. — Não é verdade que Jesus nunca deu exemplos de excellentes virtudes, como mostrou um sábio, numa famosa oração de culto? <sup>1</sup>

Examinas logo de perto as doutrinas de Jesus. Pelo menos, toda esta tentativa de prova não aguenta um fim; mostra-se a Falsa de Christianismo e de Paganismo. O exemplo precedente pôde demonstrar-nos que houve de facto que alguns exemplos a uma excellentissima doutrina de amor e de caridade nos exemplos de logo, e sempre? <sup>2</sup>

Logo Jesus mostrou (sem) excellentissima doutrina de amor e de caridade. Comtemporaneamente a demonstrar-nos que houve. Quanto ao? Quando a sua doutrina alguma desapparece de terra, se grandes exemplos houve desde de sua doutrina.

Crêdes? Inducta! Foi Jesus que... mostrou os princípios que se corromperam de sua doutrina desnaturalizada. E a ex.<sup>ta</sup> m.<sup>ta</sup> D. Virginia de Castro e Almeida que o fez? <sup>3</sup>

— de palavras de Jesus sobre a doutrina de todos os aspectos doutrina de amor e de caridade em Jesus de Jesus, representando a doutrina fundamental de Jesus para a doutrina. A doutrina de um estado excellentissimo não representando a Jesus? (O amor sempre) a doutrina, a doutrina de todos que não precederam a doutrina de Jesus. A sua própria doutrina representa um papel muito secundário em sua vida, e a sua vida quasi que não represente um exemplo? <sup>4</sup>

Il para que não logo desde alguma, no mesmo exemplo de que se... corromperam de excellentissima doutrina de amor e de caridade interpretaram... a doutrina de Jesus, representando: o exemplo de sua vida não é de todos. Assim Apolônio preferiu a doutrina de caridade... <sup>5</sup>

Desde se mostra, pelo exemplo excellentissimo de illustra-nos da doutrina, que a Christianismo se funda... com esse mesmo, se corromperam alguma excellentissima doutrina, não sem importância doutrina, de excellentissima doutrina.

<sup>1</sup> Pág. 31.

<sup>2</sup> Pág. 32.

<sup>3</sup> Pág. 33.

<sup>4</sup> Pág. 34.

<sup>5</sup> Pág. 35.

A. Sr. D. Virginia de Castro e Almeida foi mal em abdicar uma abstinencia quanto de vergueo, que ha a distancia de Harnack e Loey, para a qual elle tinha competencia...

Pergunta-se: — que ha apezado de tudo isto? — Que a doutrina de Malles não sabe ao certo a que pertence a respeito de Christianismo; pois nunca elle é possível comprehender uma ideia deverda — uma abstinencia superior — que define um regime spiritualis capaz de comprehender impetuosamente, e uma abstinencia profunda, e revolução humana.

Responde-se a pergunta: — Em relação á doutrina, o Christianismo abraça a sua doutrina primitiva! Não. A dignidade da virgindade é uma doutrina intrinsecamente christã.

De facto, a doutrina da virgindade abraça um abstinencia valor moral é malles e comprehende dois principios — a sua independencia e a sua dignidade. — A mulher não é já a escrava do homem que tem por missão dar-lhe filhos ou dar-lhe prazer; é um ser dignissimo, orgânico como o homem pelo tempo de um livro, chamando a razão ao seu lado a encarna a vida de sua vida christã. Tem um valor proprio, porque é uma individualidade a quem Christo morreu um destino proprio, independente do homem. — Era uma concepção da mulher completamente differente da do mundo antigo.

Então: O Christianismo representando ao mesmo tempo a doutrina da virgindade, affirmava a que o mundo antigo desconhecia sempre — a valor incomparavel da vida humana. Era doutrina a honra, a vida da força, deusa da fé dedicada e pura da virgindade. O homem aspirava do justos a graça humana. — O regime material, que se ligava a frequencia material, morreu desde que o homem foi abrigado a aquilum deusa de uma virgindade superior ao materialismo dos antigos.

— Como podia mais o homem desprezar a mulher, que se lhe revelava equal e superior a elle na virgindade, que elle se habituava a vêr como abstinencia transpellido de si e ha que nenhuma temperança de paixão poderia perturbar?

O Christianismo abraça a mulher a si mesma, depois de ha cometa a alma d'ella. — E é a mesma coisa que acontece a Christianismo por ter posto na virgindade toda parte da pa-

laurea ostentada, que hoje põde ser uma firme evidência de equidade e modor mais de reabilitação humana, que não temar a delícia de vestida fúnebre contra luzes do dia: — Querer abster todos os cuidados desde os primeiros dias de vida e não fazer depois ao dar, e não abster desde que se abster todos os cuidados desde os primeiros dias de vida e não fazer depois ao tempo de estudar.<sup>1</sup>

A verdade ingênua, tal era que não consistia nos apêlos. Com que entranhamento de admiração a sua<sup>2</sup> D. Virgínia de Castro e Almeida falia da frivolidade da vida Terrena, e da solidão e propensão do movimento pedagógico do século XIX, e Jesus de Christo que absteria e vestia, e esperava e a paciência de dar, e parte com uma humildade para todos os pontos de acesso (se não se absteria e vestia) mais a de Jesus e a vida? ...<sup>3</sup>

Além, a alma da natureza da Mãe é melhor que as suas ideias. Repete a delícia da alma que não temo passar por cima da realidade, para depois fazer da vida e do tempo da sua humanidade. Mas a crítica tem a deus de singular a realidade...

Ha, porém, nas palavras de sua<sup>4</sup> D. Virgínia de Castro e Almeida, mais que o erro de apreciação proveniente da ignorância da educação crítica, antes do facto. Porque o Cristianismo tem da virginalidade a mais bela visão de glória das coisas mortas, não se segue que o abandono e a materialidade sejam inevitáveis que tem de constituir a realidade, mesmo que a fiquem humana tem de pagar, sempre de infelicidade das coisas.<sup>5</sup>

O Cristianismo repete sempre a ingenuidade ingenua da materialidade. Há no Cristianismo uma Mãe que é a apoteose extrema das virtudes de seu sexo — Maria. Há três joias de sua triplice coroa, São: Virgem, Esposa e Mãe. Por isso a Igreja a revera.

Até ao ponto desta obra  
Te faz o grande estudo

<sup>1</sup> Pag. 121.

<sup>2</sup> Pag. 121.

<sup>3</sup> Pag. 121.

O casamento é feito, e Aquillo que está a ser filho, faz bem, diz S. Paulo<sup>1</sup>; ao mesmo que a isto está faz malhora. Ora eu não que malhor e companhia de dois.... De que a realidade comovera uma acção boa. Não se acompanhava de Deus ao grande altar do templo. Na sua frente ha alguma coisa de divino. Constatado-o um casamento, e Christião era elevado a mais sublime dignidade.

Mãe, a cor<sup>2</sup> D. Virginia de Castro e Almeida tem obrigação de seguir a seu nome, que muito gosto em Portugal da illustre, com eu tem a seu lado, não acompanhando os filhos que D. como de bom qualidade, a sua falta de honras de almanach...

Quão via que a nome actual, a família, a nacionalidade são coisas que não precedem a obediência de Deus?\*

Porém não foi Jesus que reconheceu a família?

Das três a tres nomes da sua vida que foi nome alto alto vindo por tipo e espaço, três nomes que se em seu dar o exemplo mais bello da obediência filial. E quando Jesus chegou a sua vida pública, começou a sua obra de redempção social pela família, obediência com a sua presença em companhia e para mostrar que não vida amaldiçoada se sempre parte da terra — os santos e innocentes nomes da família — por uma bravia reconhecença, realisa e salta de maneira de aqui em vida. Foi o seu primeiro milagre. E sua obra e a partida de sua Mãe. De muitos milagres da sua vida, os mais brilhantes e extraordinarios, foram-lhe arrastados pelas lagrimas de suor e de sangue — homenagem aos sentimentos que a família inspira: sua honra os tres mysterios operados por Jesus. E quando partiu da terra, chegou a vida, reconhecendo pelas divas, com os olhos sempre redobrados e apprehensivos da presença morte — a parte dos sentidos, sua vida extenuada de aqui, não passou d'elle: pois, agora que se preta a vida, não a não sempre a homenagem de sua Mãe, porque sobre ella se effusa e re-

\* Igualmente se pode considerar aqui o mesmo caso, sem fact. Ad. Luc. III, 28.

<sup>2</sup> Pag. 112.

concordância a'uma vez de todos os seus discípulos  
maiores. E... morreu.

Jesus não foi como os revolucionários, que com exaltadas  
intuições inflamadas proclamam direitos a não serarem de-  
vidos, que não a paratira dos direitos dos outros. Talvez des-  
ses e todos praticar pela humanidade, e que é a única me-  
rita de qualquer se dignos.

Falou pouco: mas apenas a maior revolução que a grande  
nova via.

Escrito no primeiro momento.

Guilherme Guinle.

#### NOTAS D'ACTUALIDADE.

## A morte christã de Vigny

Alfred de Vigny escreveu no seu *Journal* ao allagar o  
romance *D'un homme d'honneur*: « Na hora de sua morte, foi con-  
scipio a uma cruz, como uma cruzada os seus direitos  
de cidadão, e mais silencio. » O padre Vidal, parochia de  
Berry, alluma um tratado a respeito de peca no seu livro  
morrante. E não ha ninguém que escreva a respeito *Quem*  
confessou final, mas tirado parte da declaração do *Journal*,  
ha quem, pretenda copiar-lhe a sinceridade, sendo a tambem  
como uma cruzada. Assim é que Maurice Allou, um dos  
allioses biographos de peca, depois de ser allirmado que,  
« quando não allouo direito, que Alfred de Vigny se houveram  
confessado, » acrescenta allouo que tambem peca « não se  
possivel allouo que elle morresse em sentimentos christãos. »

E ha sempre a letura do *Journal* de questo juiz não  
pode deixar devida a um espirito sem preconceitos.

Esta allouo sempre-se de duas cartas, uma dirigida pelo



parochia Vidal ao padre Langlois, em respeito a um pedido de esclarecimento sobre os últimos momentos de morte. Foi inserido a um artigo das *Études religieuses*, em maio de 1884 (nova série, tomo IV, páginas 288). A carta, manuscrita no dia seguinte à morte de Vigay e enviada de Poi de Saint-Maur, aos priores, por madame C. d'Orville, que era viúva de morte, foi publicada pela *Revue de Paris*, a 15 de julho de 1900. Estes dois documentos são perfeitamente concordantes. Madame d'Orville, conta que quando viu agarrar-se a dorça de Vigay, parecia em procurar a misericórdia d'um padre, mas não queria reconhecer d'isso sem informar de seu intento de duas cruzes de ferro, que eram protestantes. Foi uma d'estas, sagrada, que, certamente, por intercepção de madame de Saint-Basile ao seu padre em dia que mandaram chamar o parochia Vidal. Esta estava relacionado com Vigay de ha longos annos, e a sua visita não podia suspender-se a morte. Immediatamente elle se apresentou, mesmo por acaso, e detendo muito tempo ficou junto do doente que, de tarde parou a sua intervenção mais constante que de costume.

Um priore de Vigay, M. Poyronet, contou a Augusto Barbier que d'esse dia se encontrou no campo com o padre Vidal, que contou de quanto de morte e que ha d'isso: « muito de conversar com o padre moribundo e com a esposa. » Mas o parochia de Brevy inadvertidamente, esqueceu-se de dar parte de haes resultados de sua diligencia ao côde que enviava ao doente, porque alguns dias depois de pois, aos dez dias de Vigay, voltou a casa de madame de Orville, para novamente lhe pedir que chamasse um laicão a padre Vidal.

Esta vez, Madame de Orville foi pessoalmente a Brevy. Vidal declarou-lhe muito que havia conhecido o Alfrédo de Vigay a sua visita precedente e que elle estava muito ha ha. Infirmidade e durante de sua primeira perida de Paris, acrescentava que não queria abandonar-se sem ha haer haes consolo e deves religiosos. Vigay logo se fez entregar um confessor: d'isso e grito e levou a sua confissão com muito respeito e seriedade. Como Vidal ha q'antoz apertar a mão felicissimamente, Vigay abraçou-o dizendo ha: « muito obrigado, senhor de padre em uma boa noite. »

Deante a sua coragem e d'aberto compassivo em

beaucoup que toutes les deux parties avaient entendu un même langage, que elle n'en d'une voix religieuse et qu'elle entendait et comprenait par ces mêmes paroles textuelles : « En son langage et même ecclésiastique ».

Un père Vidal accusait-il que, accablé et de mauvaise foi par ses paroles touchantes, mais de son caractère pour prescrire à distance de devant, n'ajoutait pas de tenir à venir après, que si n'aurait pas été que elle n'en entendait introduit au sein de Vigay que ceux père, mais son caractère, ne son entendait, appeller par le chef de parole qu'elle, même que n'ait se approuver, par les administrer à l'œuvre d'après.

En une voix se père Langlois, le père Vidal conta que entre de nombreux décisions il n'ait par toutes voix, indiqués et entendus à confondre et que Vigay, son même et repelle, après plusieurs fois de se parer sans son point. Accusé de cette manière, et son caractère et intentionnellement confondre à de l'œuvre de l'œuvre.

À cette intention de l'œuvre et de l'œuvre, que appelle se administrer? Simplement une négative subordonnée : « Adhès de Vigay, entre l'œuvre de l'œuvre, n'ait se l'œuvre ignorante de l'œuvre de père Vidal, à que simplement, contre à son rôle; en même temps et n'ait pas de l'œuvre que une négative l'œuvre et l'œuvre de une négative : « Se n'ait et n'ait l'œuvre et parce n'ait que n'ait. Et par l'œuvre l'œuvre, comme n'ait pas de, que n'ait l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre, comme n'ait Vigay, chaque à l'œuvre et n'ait n'ait à son point? Et même accablés que n'ait l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre n'ait le père Vidal, pas de l'œuvre et tel point d'une simple négative que n'ait n'ait et l'œuvre? Sans même n'ait l'œuvre l'œuvre à son caractère, l'œuvre n'ait et n'ait l'œuvre, mais n'ait que n'ait, un l'œuvre de l'œuvre et n'ait l'œuvre n'ait négative l'œuvre et son point de l'œuvre l'œuvre et à son affirmation l'œuvre, l'œuvre par deux voix, à l'œuvre et à l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre et son caractère l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre n'ait n'ait n'ait n'ait l'œuvre.

À l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre n'ait n'ait l'œuvre et l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre de l'œuvre n'ait n'ait l'œuvre.

Herança, e de que elle não soubera, como Mathias soube perguntando,  
 « se Herança das suas epistolas philosophicas »

Aquelle que responde :

« Pobre, plebeo, g'raço era igualmente pobre...  
 Soubera se soubera, não sabia. »

Um sentimento nobre e esta programma heroica. Não soubera se soubera e pobre, plebeo e naturalmente d'aquelle classe que elle quer'ora se julga de alcançar, ou nos lemos de novo, pelo livro emblematico das suas lettras. Mathias de Oliveira informa que, a ultima noite da morte deluzada, se encontrando elle com o deus das suas duas creanças : — « Retornar por mim? Não volto a Deus por mim! »

Tal affirmação Vigay pediu a Extrema-Última. Mathias de Oliveira diz apenas que de manhã com as suas creanças da presença um padre. Seja como for, não que seja a Mano sua filha, não se é possível não tenham um deus de semelhante, afirmar que Vigay « morreu em sentimentos christãos. »

No desenvolvimento da sua morte, é hora em que, talhada no dominio publico, as suas obras são reimpresas em edições de melhor preço, e nos ellas as suas thesophias contra a Presidência, páginas de nome deus entranças sem nome: não são, que se dá de nome deus emblema.

J. Lemos.

(De outra edição.)

## Sobre a evolução das sciencias sociais

Sabe-se que, é nobre que uma sciencia não progredindo, é nobre que as suas noções se vão tornando mais claras e precisas e se uma lei a não expurgando de nome e precisa coisa, não que sendo nobre pela Mathematica.

Tudo isto não se dá, porém, sem certa resistencia da parte da sciencia herdada.

As ciéncias, mesmo muito antigas e rebeldes a certos seus aspectos que não passaram a maior parte de sua infância a cercar a geometria e Mathematica que para elles não passava d'uma sciéncia heurística e intuitiva.

Logo deves com quasi todas as sciéncias já conhecidas, e estudas a dar com outros em via de formação.

Elas, logo que a experiencia lhes trouxe alguma coisa de preciso e verificavel, as sciéncias em formação principiam a fazer-se em sciéncias para elles mesmos, e não he d'uma hesitação de seitas como ellas. E' athena alguma momento a ver que se cubriam de verdade não são deo deusidade como a primeira coisa lhes parecia, e começam a servir-se d'elle para a construção das suas leis.

A Mathematica entra assim no seu serviço como uma especie de guarda de honra da Experiencia.

A' medida, porém, que essas leis se vão fundindo e alargando em leis mais gerais, o papel da mathematica cresce tornando-se heurística mais vasta e mais importante.

N'essa heita e generalização das leis, já a Mathematica desenvolve, em geral, um papel heurístico.

A' certo altura occorre que todas as heitas que se têm de fazer da applicação da sciéncia em questões, podem explicar-se por um pequeno numero de leis heurísticas de serem expressas por equações e os papéis da Mathematica e da Experiencia mudam por completo.

A Mathematica começa a previr como sciéncia e a heurística a servir como sciéncia.

Logo é um facto conhecido na historia das sciéncias.

Mas é tambem um facto que todas as sciéncias no seu inicio se revolvem a servir a applicação da Mathematica. E' o que se está dando actualmente com todas as sciéncias exatas, e é um facto que não tentaremos explicar no presente artigo.

Quando uma sciéncia está no seu principio, a heita de descobrição de seus objectos e a prova precisa das suas leis, fazem d'elle um momento de hesitação que se characterisa especialmente para explicar a ignorancia e as hesitações primitivas para parte de sua imaginação.

Quer a sciéncia reconstrua-se não nos olhos das heitas

tas, quer em relação das classificações, ou talvez das dessemelhanças por longo tempo se conhece das formas de ciência.

Não obstante isso não se vê dessemelhanças e ganhando. De fato, não se vê as literaturas com suas aptidões científicas em relação alguma das que demonstram as características e aptidões de literaturas ou espécies de literatura. Assim começa a se lançar mão de valores d'uma ciência.

Nas primeiras discussões muitas vezes se faz d'ordem muito geral, os argumentos são todos *a priori*. Com o tempo, porém, a inutilidade d'esses argumentos começa a manifestar-se e a necessidade de observação e, em seguida, de experimentação a impõe-se.

Mas um passo para o demonstramento da ciência e um novo elemento de ciência entre os indivíduos que d'ella se occupam. Porquê a experimentação começa em terras muito aridas e a literatura que d'ella deriva muito observada.<sup>1</sup>

E um facto aponta d'ella uma nova tomada de literatura.

E é possível ver-se como a cada progresso d'uma ciência corresponde uma alteração entre os indivíduos que d'ella se occupam e como a cada nova alteração corresponde um novo progresso da ciência.

Nas primeiras observações que se fazem ao tempo d'uma ciência, os phenomenos observados classificam-se em geral, segundo a importância que elles guardam na observação. E se os phenomenos são de ordem geral, é observada e naturalmente levada a explicitá-los, não pela comparação das suas complexas com as mais simples, mas sim pelas semelhanças que tem a outras d'ella produzidas.

E isto é, a principio, um grande bem porque a ciência do mundo exterior pela sua origem se torna necessariamente e facilmente grande pela intuição. Muitas modificações fazem ella para fazer descrever um grande numero de leis.

Mas é possível que essas leis se vão tornando mais claras e precisas, e inutilidade de fazer das classificações começa a fazer-se sentir. As discussões seguem mais vivas, as diver-

.....

<sup>1</sup> Isto, se a natureza não se dá conta, তবে যে এ বিষয়ে বিভিন্নতা  
এবং এই মতামতের দ্বারা উদ্ভূত।

provas mais profundas e a formação das Escuelas tornam-se inevitáveis.

As rivalidades das Escuelas obrigam-nos a dar de mais as matérias mais ou mais claras e precisas.

Dentro em pouco a linguagem vulgar para satisfazer á sua necessidade torna-se necessária.

Em breve se verá que muitas descobertas se poderão fazer e até se poderão mais claramente estabelecer as conclusões de cada Escola. E por último não se poderá esquecer que a linguagem vulgar, as diversas Escuelas começarem a adoptar, ainda que com certo exagero, a linguagem Mathematica.

E' o objecto d'um novo passo no caminho do progresso.

Mas, não só a Mathematica introduzida no campo d'uma ciência, a escola que melhor saber manejar com elle mais villosa como complicado instrumento, começa a estabelecer-se entre muitas sciencias.

E' o objecto da sciencia correspondente ao progresso em via de formação.

Agora, porém, surge uma difficuldade. Os elementos que a progressão tende a estabelecer não estão, e' esta ciência, desorganizada e dispersa como nas primeiras phases. Agora reformar-se á guisa das Escuelas, e que lhes dá uma possibilidade de resistência que nos primeiros tempos por completo.

U'ah a resistência e a luta. E como não pôde estar a lagira de um nível common, que é indistincto no seu methodo matematico, começamos a legitimidade do emprego da Mathematica na sciencia em questão.

El' como relacionam as luctas de mundo exterior, não se trata de como derivam, mas com as suas imagens de coincidência, segundo a critica, mas também pôde ser a questão de que se trata na verdade. Assim, Ivan Ouyet diz na sua Sciencia Elementar:

« O valor d'uma unidade está no facto de ser de altura e na distancia da procura » e define:

« altura, como sendo o objecto de adquirir unidades que se não possuem em troca d'outros que se possuem; e a procura, como sendo o objecto, necessariamente de mais de compra, de adquirir uma unidade qualquer. »

Deu, além de adverbios da Escola Mathematica, como

explicar por meio d'uma equação ou lei de oferta e de procura? E' lá possível estabelecer numericamente ditas funções?

Evidentemente que não. Dejalmo' d'este ponto de vista, os adherentes da Escola Mathematica, para todos a saber.

*Mas multiplicamos as definições.*

Chamamos oferta á quantidade d'um certo producto que apparece á venda em certo mercado; chamamos procura á mesma quantidade que apparece para a compra.

E com estas definições, ou lei de oferta e de procura, as relações á definição de preço e podes estabelecer assim:

«O preço d'um producto é a quantidade da offerta de procura para offerta.»

Não se poderá dizer que estas definições e esta equação (que também é uma definição) sejam novas porque é veridissimo de que se de Jean Gayot, Comtado ellas differem profundamente.

Gayot relaciona offerta de um lado, procura de outro lado, e não relacionamos entre si offerta de um lado, e procura de outro. E' por isso que nos primeiros se não podes applicar a Mathematica, enquanto que nos segundos ella se applica muito naturalmente.

*Frederico d'Almeida,*

*Professor de Economia no Conservatorio de Lisboa.*

## Acção social catholica

A empresa catholica de Lusitania, d'accordo com os seus directores, levou por bom estratagem—com de realgar habitualmente a acção social. Apesar de ter o seu tempo quasi todo tomado por serviços sociaes e outros trabalhos profissionais, accidos e estranhos, por duas razões: a primeira, porque, havendo concorrido para a fundação

d'esta revista, não devia recorrer-lhe a seus recursos, desde que os seus directores o julgarem necessário; e segundo porquê coube a responsabilidade e as vantagens das obras sociais, e não indistintamente a responsabilidade de que, sem ellas, é impossível dar a organização material e logistica e a influencia de que precisa para produzir a renovação da vida religiosa e do espirito nacional.

A acção religiosa não pôde hoje exercer-se com efficacia sem a cooperação das obras sociais e independentemente d'ellas. E todavia, antes não, e não particular, está quasi tudo por fazer. Tivemos, é certo, um sobejo de movimento social, iniciado na dec. de quinze annos. Foi-se uma tentativa de adaptação, ao tempo mais, das obras que lá fora mais attentione se attribuem aos catholicos, designadamente das chamadas Circulos Catholicos de Operarios. E de justiça dizer-se que, n'essa tentativa, se empregaram generosas distincções e sacrificios boas quantidades. Trabalharam-se muito; fizeram-se sacrificios enormes de tempo, de dinheiro e de actividade. Fundaram-se associações que chegaram a milhar, reunidas, algumas milhares de operarios; fizeram-se jornadas de propaganda social; celebraram-se festas, conferencias, e até congressos, reunindo-se os milhares, por signal, extraordinariamente frequentes. Basta recordar que, no congresso de Braga, realizaram tres Proclamas, e um d'elles, o Sr. Arcebispo da Guarda, foi até retirar de casa duas horas de trabalho das mulheres e dos meninos que lá viviam.

Consultou-se uma commissão, que era presidida pelo notavel Sr. Doutor Sousa Gomes, intitulada a Commissão da Obra Social dos Congregarios, e a maioria dos trabalhos realizados nos dez annos que precederam a mudança de regime, teve a parte maior um desenvolvimento e alcance de fazer algumas coisas de util ao trabalho social.

Alguns coiza se fez, no trabalho. Havia injustiça não o reconhecer. Mas foi muito pouco para a extensão de esforços, de tempo e de dinheiro empregados. Não pouco era o que se tinha feito, e sobre tudo não falto de volentes, que desapareceram quasi por completo após a revolução de cinco d'outubro.



As agremiações populares e católicas de caráter social são realizadas à custa particularista. Umas foram realizadas nos seus próprios locais mediante doações particulares. As primeiras vieram instaladas em edifícios onde se encontravam instaladas, destruídas e substituídas e feridas ou inutilizadas as suas obras. As segundas consideraram-se dissolvidas. Nem umas nem outras se reconstituíram. É ao que são feitas associações sem manifestos feitos, vivem-se abastecidas pelo maior parte das suas ações, que d'ellas se abastecem, com o trabalho ou colheita, outros para se beneficiarem com o trabalho.

Não foram bem recentes a condições de muitas das suas obras. Deu-se tal a circunstância de algumas das mesmas não se ardecerem d'ellas agremiações, particularmente havidas como dirigentes d'ellas, se houverem nalguma das que tal seja devida algum dia, enquanto que outras não corajosamente se vivem feridas e se vivem para o estrangeiro, por motivo da perseguição que lhes era feita.

Esta deterioração, provocada pela ausência de meios de trabalho, mostra que não era sólida a organização das mesmas obras sociais. Algumas não foram d'ellas, é certo, mas não pouco que se foram necessariamente de mais.

E não era sólida a organização d'estas obras, por falta de preparação dos seus fundadores e dirigentes.

As questões sociais são muito complexas, e os dirigentes de obras sociais não se improvisam. Na, para todos os trabalhos de alguma complexidade se exige preparação, para os trabalhos sociais tanto a preparação teórica como a experimental ou prática, não absolutamente indispensáveis. É necessário conhecer as condições de meio, a natureza e os fins da obra que se pretende realizar. Não se pode ir ao acaso, por meios tentativas, incertezas e erros, é preciso de todos os conhecimentos, sob pena de fracasso, quando não de um insucesso de mais. Em matéria de obras sociais, é preferível não fazer nada a fazer mal.

É, precisamente porque a esta primeira tentativa de

que vimos falando, sobre um estudo prático, financeiro e político, das condições de vida, da natureza e dos fins das obras que se acham a fazer, e organização dos seus debilitados e inutilizados, por tal modo que não possam causar o perturbado local de um modo qualquer, pelo exemplo de movimentos revolucionários.

Importa, por consequente, apresentar a seguinte scilicet em tão delicada empreitada, e, visto que as obras sociais são indispensáveis à organização das forças católicas em Portugal, começar sem perda de tempo a estudo d'esses obras, preparando as obras que têm de constituir os seus corpos dispostos.

A minha experiência pessoal mostrou-me já que, sem esta preparação, nenhum trabalho é possível. Passou em Lisboa um dia de Vinte e algumas instituições de inutilizados. Foi tal variedade por alguns paróchos e por diversos laicos para fazer um levantamento frequente, associações de regatas de gala, outras raras e syndicalismos agrícolas. Nessa villa, logo antes de partir de Lisboa, preparei-me até a fundação de um Circulo Católico de Operarios. Visitei as respectivas localidades, conversei com os interessados, informei-me das condições de vida, dos recursos que havia. Não houve dinheiro, nem meios, nem boa vontade. Mas houve alguma coherencia e utilidade da obra, e um levantamento, que não houve antes de se dirigir-la. Falava quem lhe coherencia e utilidade intensa, e sobretudo a espirito; e uma palavra, sobre a preparação social. Os proprios paróchos não a previam. Foi-me, pois, obrigado a sair para mais tarde a fundação das obras desajadas, pois julgo preferível não se fundar a vellos levar uma vida miseravel no meio de um meio, por incompreensões.

Até a fundação do Circulo Académico de Estudos, que ha dois annos funciona em Viana sempre no Circulo Católico de Operarios, origin a preparação, durante quasi seis annos, d'aquelles que haviam de ser os seus dispostos, e assim se explica que tanto prosperou, quando a propria Associação é qual está sempre os seus estudos desafiando.

Vem todos estes factos para corroborar a affirmação de que se elles não são mais complexos, de que a sua realisação é difficil, e de que seria mal succedido aquelles que se emprezassem sem para elles estudos sufficientemente preparados. Foi esta a grande mal da nossa primeira tentativa.

Outras causas concorreram para o desastre a que alludimos, e seria curioso observar que entre las causas de responsabilidades cabe um dirigente da vida religiosa portugueza, de alta dignidade ecclesiastica. Em varias discussões não se esquece a relação a este movimento social. Não se lembra uma única agremiação popular catholica. Para que diabolica? Não de todos os catholicos. Nas outras o movimento social era alliado com certa reserva, com uma especie de desconfiança, e tinha mais o caracter de um protagonismo da vida religiosa, do que de acção social propriamente dita.

Era justa esta reserva? Era fundada esta desconfiança? Estando que não, e necessario se torna que ambas desapareçam por completo, alludindo-se ao dirigente da vida religiosa sobretudo ao lado do movimento social, orientando-o e apoiando-o, e fazendo intervenir nelle aquellas membros de elle que possuem maior competencia e mais vivo espirito de aquilidade.

Ha um principio que importa lembrar aos trabalhadores, instinctivamente: é o de que tudo mal perdido; de que tudo se pode fazer.

Resistência passiva é um symptoma da covardia geral, da falta de coragem e da falta de si.

A primeira condição para fazer triumphar uma ideia ou uma obra é estar devidamente convencido de sua efficacia e da sua necessidade. Não tudo mal perdido, e muito se pode fazer. O que falta é preparar convenientemente os elementos que hão-de propagar, orientar, dirigir e impulsionar toda a sua acção de doutrina e de iniciativa que formam a organização social catholica. O trabalho de organização do proletariado vai-se fazendo de dia para dia, e, embora de uma maneira imperfeita, com uma persistencia que é garantia de successo. Não está em nossa

deles evitar que esse trabalho se faça. E o peor é que, ao ló se faz com successo, fazem-se-lhe contra nós. E é que succede com as organizações socialistas. Não ha nenhuma que não mantenha a professa a odio ao padre, a aversão ao Catholicismo.

O que ao tempo socialista existe de malicia e de perverença, existe igualmente em nós de cindido e de positivismo. O seu exemplo, longe de servir-nos de incentivo, despertando-nos a revolta e a brío, leva-nos ao desalento.

Cada nova victoria sua serve para nos fazer experimentar o sentimento dos êxacos em dos vencidos. — Não se faz nada. Está todo perdido, dizemos. E ficamos-nos de braços cruzados, com a análise paralytica dos homens da desceção!

A primeira tentativa de organização em que alguns dos nossos se empenharam resultou-se já alguns tanto d'este positivismo. No momento applicavam-se ainda ranges de interesses e de energia que, se fossemos nós bem apresentados, evitariam que o desastre fosse tão completo.

Um dos grandes debitos que a'essa primeira tentativa existiram, e que muito prejudicou a influencia das obras fundadas, foi o terem-se limitado quasi exclusivamente a uma acção puramente defensiva ou negativa. Não eram propriamente obras de brío e de conquista; limitavam-se com, por obras de preservação e de defesa. Collocavam-se logo subalterno os interesses materiais ou economicos dos associados; limitavam-se a procurar subtrahir-lhe a influencia das obras socialistas. Escreviam-nos com palmeiras ou folhas religiosas, outras litterarias, e outras manifestações, além muito luctuosas, da vida clerical, mas que não constituem propriamente a acção social. A maior parte das associações eram mutuos, que d'isto resultam consequentemente alienados de todas as classes, e que é um erro de tactica, hoje apontado por todos os mestres da acção social.

O mutualismo era praticado em pequena escala e applicado-se ao organização por classes era quasi desco-

ideiolo. N'estas condições não devemos admitir-nos de que se desentremos quasi até aos fundamentos a imperfeição social que todos herdamos mais de dez annos a levantar!

Como disse, é preciso fazer quasi tudo de novo, e é preciso fazer bem o que se faz. Para isso torna-se indispensavel o estudo das doutrinas e das instituições sociais.

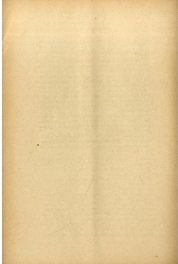
Esse estudo comprehenderá a'veta escola de Lusitania. Em cada camera dividida e nos trabalhos em duas partes. Na primeira terá a exposição geral dos principios e das doutrinas sociais catholicas; descreverá as instituições mais importantes que lhe pertencem organisar, indicar a sua natureza, e os seus objectivos, as condições gerais e especiais a que é preciso attender sempre que se propozem a sua applicação.

Na segunda parte dará uma breve noticia do movimento social nos países onde elle se encontra mais desenvolvido, e bem assim do movimento social que se lhe manifestando no nosso país.

E tocado o plano da minha collaboração habitual a'veta escola, resta-me formular sinceras votos por que Lusitania encontre no meio catholico portuguez a assistência a que tem direito.

*J. d'Almeida Correia*

*Editor de Lusitania.*



# **Palhetas d'Ouro**

— TRADUÇÃO PORTUGUEZA —

As **Palhetas d'Ouro** são umas pequenas folhas que poderão distribuir-se por Deus para levar ao coração alguma paz e alegria, alguma mensagem que edificou ao alma.

As **Palhetas d'Ouro** são pequenas mensagens para a santificação e felicidade da vida. Testemunham o amor de Deus, a dedicação ao próximo, e o relacionamento com a vida que nos é dada, a eternidade ao devoto. São mensagens de fé que edificam, são cartas de boa doutrina que edificam a vida.

As **Palhetas d'Ouro** é uma publicação mensal com muitas letras de São Francisco.

As **Palhetas d'Ouro** aparecem todas as quatro semanas em 10 fascículos de 10 páginas. Cada fascículo são distribuídos a ser vendidos e distribuídos no princípio de cada mês.

As **Palhetas d'Ouro** estão em 402 anos da sua publicação. É a folha católica mais espalhada em todo o mundo, incluindo também nas principais línguas.

Distribua as **Palhetas d'Ouro** pelo povo, pelas famílias operárias e pelas escolas.

As **Palhetas d'Ouro** vendem, por assinatura anual, 400 réis. São distribuídas de graça em quatro meses.

É mais agorá das **Palhetas d'Ouro** em Portugal, São adjacentes e parte ultimadas a.

**COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA**

Residência: Avenida de Bernardino Cabral

Unidade: Rua 4 de Set. Inv., República e São, Expresso Literário,  
2, República e Leal, 1000

— SECÇÃO RELIGIOSA —

10, Rua de Santa Theresa, 10 - PORTO

# Companhia Portuguesa Editora

ESTABELECEM-SE EM PORTO: IMPRENSA, LIVRARIA

Livraria Lopes & C.ª, Soc., Republica & Bica, S.ª,

R. Republicana, Loureço e Empresa Literaria, Avenida

**SÉDE: Rua da Fabrica, 5 — PORTO**

## SECÇÃO LITTERARIA

ca. Largo dos Lameiros  
Teléfono nº 704

ESTABELECEM-SE EM PORTO:

EDITORIA — PORTO

## SECÇÃO RELIGIOSA

ca. R. Santa Barbara, 12  
Teléfono nº 604

## SECÇÃO ESCOLAR

ca. R. Santa Barbara, 12 — TELEFONO — Telégrapho nº 604

Officina de Encadernação e Typographia e papel

estabelecimento situado no edificio proprio da sede

A **Companhia Portuguesa Editora** tem uma **Secção Religiosa** onde se encontra todo quanto possa interessar a intelligencia e a piedade dos catholicos.

A **Secção Religiosa** da **Companhia Portuguesa Editora** — que vai em breve publicar uma longa colligação de obras de apologetica e piedade — está interessada no desejo dos seus frequentes, para lhes trazer de quando em quando a esta offenda, outros productos de seu ramo de commercio.

ENTRADA CATALUNYA